

SET-OUT 2018

# Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 15,50



## ALÉM DAS APARÊNCIAS

Restaurando a essência  
da vocação pastoral



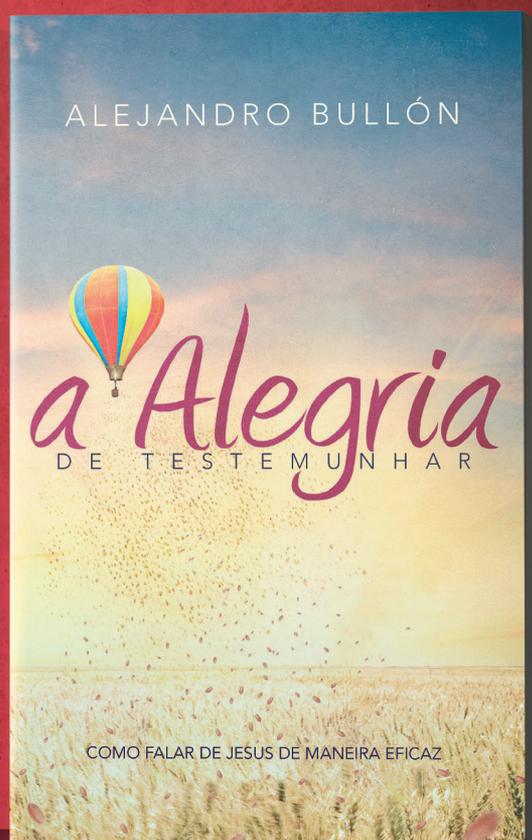
Use seu **talento** em favor  
do próximo e seja o maior  
beneficiário do seu **ministério.**



## Meu Talento Meu Ministério

Jair Miranda

FORMATO: 14,0 X 21,0  
NÚMERO DE PÁGINAS: 160  
ACABAMENTO: BROCHURA



## A Alegria de Testemunhar

Alejandro Bullón

FORMATO: 14,0 X 21,0  
NÚMERO DE PÁGINAS: 104  
ACABAMENTO: BROCHURA

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



# Chamado reavivado

Há poucos dias, eu observava com interesse uma conversa entre pastores em um grupo de WhatsApp acerca de uma triste constatação: o número de colegas que estão abandonando o ministério tem aumentado sensivelmente nos últimos anos. No passado, quando se ouvia falar disso, geralmente o problema era dinheiro ou adultério. Hoje, porém, muitos estão abandonando as fileiras ministeriais por se sentirem inadequados ao trabalho.

Enquanto o diálogo transcorria, pude reconhecer um ou outro caso de colega de seminário que decidiu sair do pastorado. Lembrei-me de quanto se esforçaram para concluir a graduação e da alegria que sentiram quando receberam o chamado para assumir uma atribuição na igreja. Então, duas imagens contrastantes se formaram em minha mente: uma de jovens sedentos por uma oportunidade de servir como pastores, e outra de homens que, em algum ponto da jornada, perderam o interesse em fazê-lo.

Por que as coisas mudaram ao longo do caminho? As respostas podem ser variadas, mas todas elas passam por um ponto em comum: o conceito de vocação pastoral. Por isso, precisamos nos voltar continuamente à Bíblia para manter bem claro o que se espera de um ministro. Paulo, ao falar sobre as estruturas de liderança da igreja neotestamentária, escreveu que apóstolos, profetas, evangelistas e pastores-mestres foram instituídos com um só propósito: preparar a igreja para o serviço (Ef 4:11, 12). Entretanto, com o passar do tempo, essa noção bíblica foi substituída por algo muito perigoso.

Infelizmente, em muitas situações o ofício pastoral deixou de ser voltado ao discipulado e à expansão do reino e passou a ser limitado ao cuidado e à mera manutenção da igreja. Por sua vez, muitos membros, que deveriam se engajar na missão a partir do pressuposto do ministério de todos os crentes, se tornaram consumidores de serviços religiosos. Como resultado, para muitos ministros restou manter a engrenagem eclesial em pleno funcionamento, gerando estresse, esgotamento e frustração.

Em 1902, Ellen White já alertava sobre essa “tendência consumista”. Ela escreveu: “Os sermões têm sido

muito procurados em nossas igrejas. Os membros têm dependido das declarações do púlpito em vez de dependerem do Espírito Santo. Desnecessários e sem uso, os dons espirituais entregues a eles têm diminuído até a fraqueza. Se os ministros fossem a novos campos, os membros se veriam obrigados a assumir responsabilidades e, pelo uso, suas capacidades aumentariam. Deus traz contra ministros e membros uma pesada acusação por suas limitações espirituais” (*Review and Herald*, 25/2/1902).

Para reverter esse quadro, a pioneira adventista via uma única alternativa: “Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas” (Ibid.).

Desse modo, a principal evidência de reavivamento e reforma, no contexto original da citação acima, se dá quando o pastor tem a liberdade de preparar a igreja para o serviço e avançar para novos campos, e os membros experimentam o envolvimento na missão. Quando isso acontece, o ministro se encontra com a essência da sua vocação, e os desafios passam a ser vistos sob nova perspectiva. Em vez de se considerar um malabarista, que evita a queda dos muitos bastões que lhe são repassados na prestação de serviços religiosos, ele passa a se enxergar como um maestro, que prepara sua orquestra para um concerto de graça e salvação.

Que a noção bíblica de nossa vocação nos livre das amarras de uma relação de consumo com a igreja e nos permita viver a plenitude de nosso chamado ao ministério em Cristo! **W**



**Infelizmente, em muitas situações o ofício pastoral deixou de ser voltado ao discipulado e à expansão do reino e passou a ser limitado ao cuidado e à mera manutenção da igreja.”**



William de Moraes

**Wellington Barbosa,**  
doutorando em Ministério,  
é editor da revista Ministério

# Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

## Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

## Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

## Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

## Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br). Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

## Conheça o novo portal do pastor

[www.pastoradventista.org](http://www.pastoradventista.org)



### Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

## 10 Instrumento escolhido

*Daniel Opoku-Boateng*

Conheça os quatro elementos que indicam a veracidade do chamado ao ministério

## 14 Chaves do sucesso

*Timothy Ehrlich*

Pesquisa aponta cinco disciplinas fundamentais para o desenvolvimento de um ministério bem-sucedido

## 18 Cuide do seu ministério

*David Cross*

O testemunho de um ex-pastor a respeito de sua experiência ao sair do pastorado

## 21 “Do Egito chamei o Meu filho”

*Isaac Malheiros*

Como explicar o uso que Mateus faz de Oseias 11:1 em seu evangelho?

## 24 Em busca de um milagre

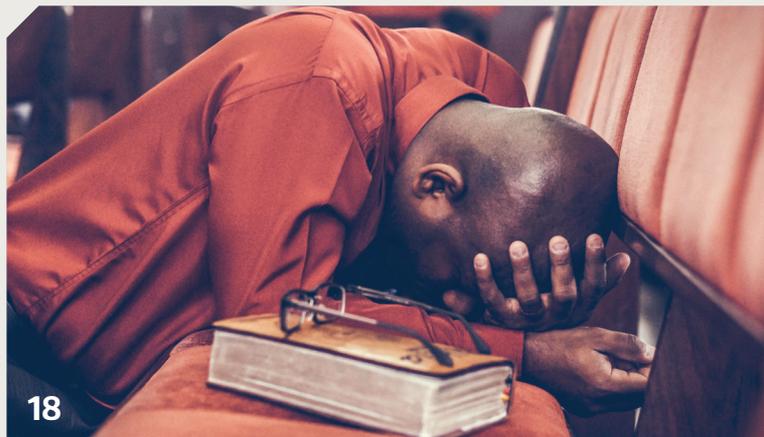
*Milton L. Torres*

Detalhes arqueológicos sobre o tanque de Betesda lançam luz na interpretação de João 5:1 a 9

## 28 Discipulado à moda antiga

*Christian Varela*

Lições práticas de uma igreja apostólica para cristãos do século 21



18

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

31 Panorama

32 Pastor com paixão

33 Dia a dia

34 Recursos

35 Palavra final



14



24

## Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 90 – Número 539 – Set/Out 2018  
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber

Capa Sfo Cracho / AdobeStock

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br

www.facebook.com/revistaministerio

Twitter: @MinisterioBRA

Redação: ministerio@cpb.com.br

**Conselho Editorial** Lucas Alves; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

**Colaboradores** Alberto Peña; André Dantas; Arildo Souza; Cornelio Chinchay; Edilson Valiante; Efraim Choque; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard; Ivan Samojluk; Jadson Rocha; Luis Velásquez; Ralides Nascimento; Rubén Montero; Sidnei Mendes; Tito Valenzuela

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia  
Rodovia SP 127 – km 106  
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP



**Diretor-Geral** José Carlos de Lima

**Diretor Financeiro** Uilson Garcia

**Redator-Chefe** Marcos De Benedicto

**Chefe de Arte** Marcelo de Souza

### SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06  
Segunda a quinta, das 8h às 20h  
Sexta, das 7h30 às 15h45  
Domingo, das 8h30 às 14h  
Site: www.cpb.com.br  
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 75,40  
Exemplar Avulso: R\$ 15,50



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5960 / 38547

# O trilho

**P**ara todos que estão envolvidos na missão da igreja, nada os absorve mais do que o desejo sincero de vê-la crescer, prosperar, ampliar suas fronteiras e alcançar o maior número possível de pessoas. Por isso, jamais devemos nos esquecer de que ela foi estabelecida para servir, e seu objetivo principal é pregar o evangelho e conduzir pessoas a Cristo. Nosso alvo deve ser andar com o Salvador e ajudar outras pessoas a caminhar com Ele: isso é discipulado.

Nesse contexto, algumas considerações são importantes quando falamos sobre discipulado. Tendo por base algumas referências bíblicas, e sem querer distorcer seu sentido original, quero apresentar três pontos de vista para nossa reflexão:

*O discipulado deve ser o trilho, e não um vagão a mais no comboio.* Às vezes podemos imaginar que se criarmos algo novo, como um programa, projeto, manual ou *slogan*, estaremos contribuindo como nunca antes para o crescimento sólido da igreja. Na realidade, não é bem assim. Embora tudo isso tenha seu lugar e sua importância, não devemos enxergar o discipulado como uma “novidade” nem como um “vagão” a mais entre as muitas atividades que realizamos. Devemos considerá-lo um trilho sobre o qual eventos, programas, materiais e estruturas se tornam servos da causa maior que é o processo do discipulado.

Nesse processo, nossa visão é global, mas nossas ações precisam ser locais, intencionais e centralizadas nas pessoas. Continuar o que outro começou é mais importante do que criar algo novo, “original”, mas sem conexão com o trilho.

*O discipulado traz equilíbrio entre cumprir a missão e cuidar.* A igreja apostólica ficou caracterizada pelo cuidado que havia de uns para com os outros. Encontramos várias vezes a expressão “uns aos outros” no Novo Testamento (Rm 12:10; 13:18; Ef 4:32; 1Pe 1:22), algo que evidencia a atenção mútua que existia entre os primeiros cristãos. Ninguém vivia isolado, esquecido nem rejeitado, mas era abraçado, fortalecido e aceito. Por outro lado, a igreja não dispensou atenção somente aos de dentro se esquecendo dos de fora. Os cristãos eram

conscientes da natureza missionária de sua existência (ver At 1:8; 16:6-10; 2Co 2:22).

Isso nos leva a pensar que discipulado sem missão é cristianismo paternalista, e missão sem discipulado é cristianismo proselitista. É preciso *cuidar dos de dentro* e *alcançar os de fora*. Uma forma de cuidar é envolver os membros na alegria de testemunhar. Isso foi o que a igreja aprendeu de Cristo em seu início, e o que Ele espera de nós hoje.

*O discipulado torna cada membro a mensagem.* Temos uma mensagem poderosa, bíblica e relevante. Contudo, influenciaremos as pessoas somente quando ela estiver impregnada em nosso estilo de vida, tornar-se a referência para nossos valores e for o padrão para nossas escolhas e prioridades. Paulo disse que somos a “carta de Cristo” (2Co 3:2). Não somente temos a mensagem, mas também somos a mensagem quando vivemos em total dependência de Deus e refletimos isso em nosso círculo familiar, em nossa vizinhança, em nosso trabalho e onde quer que formos.

Ellen White escreveu: “Quando homens de negócios, fazendeiros, mecânicos, comerciantes, advogados, etc., tornam-se membros da igreja, eles passam a ser servos de Cristo; e embora seus talentos sejam inteiramente diversos, a responsabilidade que lhes cabe de promover a obra de Deus mediante o esforço pessoal e com seus meios, não é inferior à do pastor” (*Testemunhos Seleto*s, v. 1, p. 548). Não há maior argumento em favor do cristianismo do que uma vida cristã coerente.

Considere o discipulado como um trilho sobre o qual podemos percorrer para nos tornarmos maduros e comprometidos com a missão. Entretanto, sem esquecer que é pelo testemunho que alcançamos o mundo para Cristo. **M**



**O discipulado é um trilho sobre o qual eventos, programas, materiais e estruturas se tornam servos da causa maior.”**



**Lucas Alves**, mestre em Liderança, é secretário ministerial associado para a Igreja Adventista na América do Sul

Divulgação DSA

# Cada dia, um milagre

*“Hoje meu senso de urgência mudou, pois vivo cada dia verdadeiramente como sendo a última oportunidade que tenho para comunicar as palavras de vida eterna a cada pessoa que está ao meu lado.”*

por Márcio Nastrini

Cada pastor passa por conflitos particulares durante sua jornada ministerial. Como o apóstolo Paulo, muitas vezes experimentamos “lutas por fora, temores por dentro” (2Co 7:5). A angústia aumenta ainda mais quando, além dos desafios costumeiros do ministério, enfrentamos doenças que comprometem a eficiência do nosso trabalho. O entrevistado desta edição, pastor Jefferson Antunes, desde 2011 tem lutado contra uma série de enfermidades que acabaram afetando seu cérebro. Apesar de lutar contra uma doença recidiva, ele tem vivido uma experiência bem-sucedida como pastor em Avaré, SP.

O pastor Jefferson graduou-se em Teologia pela Faculdade Adventista da Bahia em 2008 e, em 2014, concluiu um MBA em Gestão de Pessoas e Liderança pelo Unasp, Engenheiro Coelho. Sua trajetória ministerial começou em Vitória da Conquista, BA, onde foi diretor de publicações para o sudoeste baiano por dois anos (2009-2010). Ainda como líder do ministério de publicações, trabalhou na sede regional adventista para o estado do Ceará (2010-2012) e no sul de Rondônia (2012-fevereiro de 2015).

Depois de ficar quase um ano afastado em virtude de sua última cirurgia, em 2016 ele assumiu o distrito pastoral de Avaré, cidade localizada no sudoeste do estado de São Paulo. Nesses quase três anos, o trabalho que o pastor Jefferson Antunes tem realizado envolve uma forte ênfase espiritual, uma estratégia de mobilização que considera os dons espirituais e um foco missionário bem definido, que se expressa por meio do crescimento integral de suas igrejas.

Ele é casado há 21 anos com a professora Lucilene Silva e tem dois filhos: Amanda, de 19 anos, e Alex, de 14.



Amanda Ascencio

## Quando e de que maneira você se sentiu chamado para o ministério?

Na década de 1980, a cidade em que cresci, Votorantim, SP, não tinha Igreja Adventista. Havia apenas algumas poucas famílias que precisavam viajar até Sorocaba a fim de frequentar a igreja. Embora muitas tentativas de estabelecer uma congregação tivessem sido feitas em nossa cidade, nenhuma delas prosperou.

Por iniciativa do casal Gregório e Ouraida Tudella, de Sorocaba, foi estabelecida uma Escola Sabatina Filial na casa de meus pais. Por cinco anos nos reunimos assim, até que cultos regulares fossem organizados, inicialmente em formato de pequenos grupos. Havia falta de pregadores e, por esse motivo, os líderes de nossa pequena igreja começaram a incentivar as crianças a pregar nos cultos de oração, a fim de desenvolver talentos.

Preguei meu primeiro sermão aos 10 anos, em um culto de oração. O diretor da

igreja, Ademir Pires, me acompanhava na ocasião. Meus pais, Gerson e Tereza, me ensinaram a amar Jesus, porém, Deus usou esse líder para me incentivar. O irmão Ademir colocou em meu coração o amor pela missão de pregar o evangelho. Assim, com apenas 12 anos eu já sentia o chamado para ser pastor. Embora limitado, senti desde juvenil o chamado de Deus, e meu coração ardia ao subir ao púlpito para abrir Sua Palavra.

### **Que acontecimento provocou uma mudança em suas atividades pastorais?**

Em 2011 fui submetido a uma cirurgia de emergência para a retirada de uma grande inflamação no ouvido esquerdo, enfermidade conhecida como colesteatoma, resultante de uma otite mal resolvida

Milagrosamente, depois de 20 dias eu já estava em casa, totalmente restabelecido.

Contudo, em janeiro de 2015, quando voltei ao HASP para reavaliar meu quadro clínico, fui informado de que o problema havia voltado e ocupado todos os espaços deixados pela cirurgia anterior. Então, a equipe médica decidiu fazer uma nova cirurgia, mais exploratória, agressiva e radical, com riscos maiores. Em família concordamos com a realização do procedimento e, durante esse terceiro pós-operatório, começamos a experimentar nossos maiores desafios.

Minha esposa, Lucilene, e nossos filhos foram de Ji-Paraná para São Paulo, a fim de acompanhar o tratamento. É claro que eles sofreram com as incertezas,

cerca de 18 horas após o término da cirurgia, verificaram que as complicações clínicas eram mínimas. Com a amputação de parte do trato auditivo do lado esquerdo perdi a audição e desenvolvi um quadro agudo de labirintite.

### **Quais têm sido suas maiores dificuldades? O que você tem feito para superá-las?**

Minha maior dificuldade é lidar com as poucas sequelas que estão presentes em minha vida diariamente. Alguns dias me sinto limitado fisicamente para trabalhar como quero e com a intensidade que espero. Quando isso acontece, recorro à oração para que soluções sejam encontradas.

Como meu tratamento não é mais medicamentoso, mas exige cuidados especiais, me utilizo dos oito remédios naturais que Deus nos deixou [água, ar puro, descanso, exercício físico, luz solar, temperança, confiança em Deus], e isso me traz qualidade de vida. Por fim, procuro estar próximo dos líderes de cada uma das igrejas de meu distrito, para que eles sejam a extensão do meu ministério pastoral no contexto local.

### **O que mudou em seu conceito de ministério após sua enfermidade?**

Sempre vi o ministério como um grande privilégio, cercado de enormes responsabilidades. Entretanto, embora buscasse fazer meu melhor, penso hoje, ao refletir sobre minha vida, que não compreendia o verdadeiro senso de urgência que nos é requerido para a época em que estamos vivendo.

Hoje tenho a oportunidade de pregar o evangelho como antes, porém, “meu” senso de urgência mudou, pois vivo cada dia verdadeiramente como sendo a última oportunidade que tenho para comunicar as palavras de vida eterna a cada pessoa que está ao meu lado, e também como a última oportunidade que as pessoas terão para ouvir e aceitar a mensagem da

De todos os prognósticos, o mais otimista era de sucesso na cirurgia (preservação da vida), mas complicações seríssimas como retardo mental grave, perda de parte dos movimentos dos membros superiores, perda da coordenação motora, surdez permanente, cegueira, entre outras coisas.

na infância. Entretanto, com o passar dos anos, surgiram outras complicações. Segundo os médicos, o colesteatoma inicial comprometeu os ossos mastoideais do lado esquerdo, evoluindo para uma encefalite e, depois, cerebelite.

O quadro se agravou e, em 2014, fui diagnosticado com uma meningoencefalite. Temporariamente, perdi parte do controle motor, o que me impediu de andar, comprometeu minha audição e também a fala, me confinando a um hospital em Ji-Paraná, RO, por 28 dias. De lá fui transferido para o Hospital Adventista de São Paulo (HASP), onde foi realizada uma cirurgia para a retirada do tumor e da inflamação.

pois de todos os prognósticos, o mais otimista era de sucesso na cirurgia (preservação da vida), mas complicações seríssimas como retardo mental grave, perda de parte dos movimentos dos membros superiores, perda da coordenação motora, surdez permanente, cegueira, entre outras coisas. Tanto minha família quanto meus colegas de ministério, especialmente de Ji-Paraná, se uniram em oração e súplicas, clamando pela minha vida.

Mais uma vez as orações foram ouvidas, e passados os efeitos da anestesia, enquanto descansava no quarto, ao lado da minha esposa, o milagre da cura se manifestou. Logo na primeira avaliação médica,

salvação, e isso muda o resultado para quem prega e para quem ouve.

Verdadeiramente, creio que Jesus fez um milagre em minha vida e sei que esta é uma nova oportunidade de testemunhar, não apenas por definições religiosas, conceitos teológicos ou pela força doutrinária, mas como testemunho vivo do poder restaurador de Jesus Cristo, em minha saúde física e espiritual.

### Que conselho você dá aos nossos colegas de ministério?

Sobre nós pesa a responsabilidade de pregar no momento mais solene da história e acerca do mais importante evento predito em toda a Bíblia: a segunda vinda de Jesus. Por vezes, lendo o relato de homens e mulheres que fizeram grandes coisas em nome de Deus, como aqueles descritos na galeria dos heróis da fé (Hb 11), sinto-me limitado e indigno diante das lutas que temos.

Vivemos em um mundo complexo e enfrentamos grandes desafios. Vemos pessoas que abandonam a fé, o sincretismo religioso, o relativismo e o mundanismo que assediavam a igreja de diferentes formas e um conflito de gerações que se intensifica em algumas congregações.

Diante disso, penso: Por que o Senhor não permitiu que os heróis da fé vivessem nesta última hora da Terra, para enfrentar os grandes desafios que se levantam contra Seu povo? Então me lembro de que Deus é onisciente, onipresente e onipotente e que Ele não erra, não se engana nem se esquece, e não há nada que Lhe passe despercebido.

Foi o próprio Deus que escolheu os patriarcas Abraão, Isaque, Jacó e a descendência deles para serem chamados de Seu “povo de propriedade exclusiva” (1Pe 2:9). O Senhor escolheu cada um dos profetas como Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias, Daniel

e Ezequiel para que, em diferentes épocas, lugares e povos, eles fossem Seus mensageiros, concedendo-lhes o poder do Espírito Santo.

Jesus pessoalmente escolheu, discipulou e enviou cada um dos doze apóstolos para que fossem e fizessem discípulos entre as nações (Mt 28:18-20). Ao longo da história do cristianismo, Ele manteve homens e mulheres de fé e coragem para proclamar Sua mensagem e ser Suas testemunhas.

O mesmo Deus que cuidou de Sua igreja no passado continua cuidando de Seu povo hoje, e isso tranquiliza meu coração. Conforme escreveu Ellen White: “Ao recapitular a nossa história passada, havendo revisado cada passo de progresso até nosso nível atual, posso dizer: Louvado

O Filho do Homem tem o controle dos eventos mundiais, e em Suas mãos está o leme da história. Jesus Cristo nos separou neste tempo solene para que vivamos unicamente pela fé na revelação de Sua Palavra e enfrentemos os eventos finais.

Em outro texto inspirador, Ellen White escreveu: “O trabalho que está por fazer é tal que porá à prova todas as capacidades do ser humano. Exigirá o uso de forte fé e vigilância constante. Por vezes, as dificuldades que enfrentaremos serão as mais desanimadoras. A própria grandeza da tarefa nos desanimará. Não obstante, com a ajuda de Deus, Seus servos finalmente triunfarão” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 440, 441).

Verdadeiramente, creio que Jesus fez um milagre em minha vida e sei que esta é uma nova oportunidade de testemunhar, não apenas por definições religiosas, conceitos teológicos ou pela força doutrinária, mas como testemunho vivo do poder restaurador de Jesus Cristo.

seja Deus! Ao ver o que Deus tem realizado, encho-me de admiração e de confiança na liderança de Cristo. Nada temos que recear quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e os ensinamentos que nos ministrou no passado” (*Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 443).

Foi o Senhor que nos chamou para exercer o ministério neste tempo. Jesus Cristo nos escolheu para que sejamos evidências de Seu poder no mundo, luz em meio às trevas, certeza entre as incertezas e cura em meio às feridas físicas e da alma.

Desse modo, sejamos obedientes ao convite divino e abandonemos nosso conforto pessoal e nossas conquistas temporais para viver por aquilo que é eterno. “Buscai o Senhor enquanto se pode achar, invocai-O enquanto está perto” (Is 55:6). Concluo com um pensamento do humilde sapateiro sonhador que se tornou um pregador visionário e comprometido, conhecido como o “pai das missões modernas”, William Carey (1761-1834): “Espere grandes coisas de Deus, faça grandes coisas para Deus.” Que Jesus o abençoe poderosamente! 

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou visite [www.facebook.com/revistaministerio](http://www.facebook.com/revistaministerio)

# Instrumento escolhido

Considerações sobre a teologia do chamado

Daniel Opoku-Boateng

O ministério é a pulsação do cristianismo.<sup>1</sup> O apóstolo Paulo afirmou que “se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” (1Tm 3:1). Desse modo, o chamado ministerial é uma ocupação vocacional para todo o que o aceita e nele se engaja. Por que, então, é considerado tão desgastante?

Pesquisas na África Oriental destacam o estresse como um dos principais obstáculos ao desempenho pastoral.<sup>2</sup> O psicólogo Richard Blackmon declara: “Pastores são, isoladamente, o grupo ocupacional mais frustrado na América.”<sup>3</sup> Por sua vez, Richard J. Krejcir afirma: “Sendo pastor, após 18 anos de pesquisas em parceria com outros colegas (esses dados são apoiados por outros estudos), descobrimos que exercemos uma atividade de risco! Somos o grupo que, talvez, faça parte da ‘profissão’ mais estressante e frustrante. Mais do que médicos, advogados e políticos. As pesquisas mostraram que mais de 70% dos pastores estão tão estressados e sofrendo *burnout* que não raramente pensam em deixar o ministério. Aproximadamente 40% dos pastores abandonam o ministério, a maioria depois de apenas cinco anos de trabalho.”<sup>4</sup>

Muitos ministros são procurados por jovens de suas congregações que buscam confirmação para o sentimento que têm de estar sendo chamados para o ministério. A questão relevante é: existe realmente um chamado do Senhor? Se sim, como saber?

## Elementos do chamado

Há duas visões extremas relativas ao chamado. A primeira tem sido denominada *visão liberal*. Ela tende a menosprezar o fator sobrenatural e considera o ministério uma escolha de carreira, em vez de chamado divino. A segunda é a *visão mística*. É aqui que o ministro, supostamente, “ouve vozes” e “têm visões”, como a cruz no céu de Constantino.<sup>5</sup> Nenhum desses pontos de vista faz jus ao chamado, porque o ministério pastoral incorpora tanto o chamado divino quanto o desprendimento humano.

Basicamente, o chamado divino para o ministério deve incluir quatro elementos:

*O convite público (chamado geral)*. Todos são chamados a tomar a cruz de Cristo e participar do discipulado ouvindo, estudando e compartilhando a Palavra de Deus com fé e disposição.

*A convicção particular (chamado individual)*. É o sentimento interior por meio do qual a pessoa se sente enviada por Deus para cumprir o ministério.

*A aprovação pessoal (chamado providencial)*. É o senso da direção divina na vida e no testemunho daquele que foi chamado, a visível aprovação celestial e o reconhecimento por meio do exercício dos dons concedidos.

*O chamado eclesiástico (confirmação institucional)*. É o convite feito por uma instituição da igreja àquele que sentiu o chamado para se dedicar ao ministério.<sup>6</sup>

Não deve haver preocupação de como esses elementos se interligam entre si, seja em importância ou modo de se relacionarem. O princípio-chave é que qualquer que seja a ideia do que constitui o chamado para o ministério, ela deve considerar a necessidade de que esses quatro elementos estejam presentes. Vamos examinar cada um deles.

**Chamado geral ou público.** Por que Deus chama pessoas? Jesus chamou, capacitou e enviou Seus discípulos para pregar, batizar e fazer discípulos de todas as nações (Mc 3:13, 14; Mt 28:19, 20). Portanto, primeiramente é preciso ter Cristo antes que

possamos pregar sobre Ele. O chamado se torna nulo se não temos Jesus em nossa vida. Somente uma pessoa crucificada é capaz de testemunhar do Cristo crucificado.

Esse é o ponto em que alguém chamado para ser cristão sente a convicção de que também está sendo convidado por Deus a assumir o ministério. Como ocorre essa transição do chamado público para o discipulado, para a convicção pessoal do ministério? O chamado divino deve ser visto como lançar mão do arado e não largar (Lc 9:62). Ele é um chamado para toda a vida (Is 6:11). Assim, a inclinação para o ministério não deve resultar de algum impulso momentâneo nem do fascínio temporário por honras que possam vir em decorrência da função pastoral. Ao contrário, deve ser o resultado de uma busca intensa e de oração fervorosa. Se for simples paixão, também desaparecerá. O chamado divino persiste mesmo depois das tentativas de seguir outras carreiras. Ele se torna um baluarte da sobrevivência quando as coisas ficam difíceis.<sup>7</sup>

**Chamado pessoal ou particular.** O ministério cristão é, antes de tudo, um chamado divino. Ao longo da Bíblia e da história do cristianismo, servos fiéis do Senhor se sentiram impelidos a exercer o ministério. Paulo relatou que Cristo o chamou e o designou para o ministério (1Tm 1:12-15). Ele teve convicção do seu chamado e não pôde deixar de responder (Gl 1:15-17). Isaías disse: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros”; então, ele ouviu o Senhor dizendo: “A quem enviarei, e quem há de ir por Nós?” Fortalecido pelo toque purificador e capacitador do Espírito Santo, Isaías respondeu: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6:5-8). Jeremias exclamou: “É como se um fogo ardesse em meu coração, um fogo dentro de mim” (Jr 20:9, NVI).

O sentimento de estar obcecado com o chamado é causado pelo elevado propósito do ministério. Spurgeon escreveu: “O chamado ao ministério é irresistível, avassalador e desperta a sede de contar aos outros o que Deus fez à nossa própria vida.”<sup>8</sup>

Alguns receberam o chamado, e para sua própria angústia, não o atenderam. Como Jonas, eles tiveram a vida marcada pela turbulência. Encontraram paz somente quando pararam de fugir do Senhor.

**Chamado providencial.** O ministério não é para aqueles que não podem obter sucesso em outro tipo de trabalho. É para aqueles que dizem como Paulo: “Ai de mim se não pregar o evangelho!” (1Co 9:16). Sem a Palavra de Deus como um fogo em seu coração, não somente seriam infelizes no pastorado, mas também seriam incapazes de suportar as renúncias necessárias para exercê-lo. Além disso, o forte desejo de se tornar ministro do Senhor deve ser acompanhado pelos dons necessários para esse ofício.

Considere Aquele para quem você está trabalhando. Segundo Ellen White, “ministros fiéis são colaboradores do Senhor na realização de Seus desígnios. Deus lhes diz: Ide, [...] pregai a Cristo”.<sup>9</sup> De modo geral, pode-se dizer que, para ter sucesso no ministério precisamos ser capacitados com os dons espirituais. Os colaboradores de Cristo devem ter aptidão para ensinar e habilidade para pregar. De acordo com Leslie Flynn, “nessa medida, os pregadores nascem, não são feitos”.<sup>10</sup>

Aqui é preciso destacar que se você foi chamado, o Senhor o qualificará. Títulos e diplomas de formação acadêmica são necessários e importantes, mas não são provas de que um pastor tenha direito ao ministério. É preciso não somente ter consciência da necessidade dos dons, mas também noção do sacrifício requerido. A abnegação para exercer o ministério é tal que, se não houver amor e paixão por parte de quem sentiu o chamado, não poderá sobreviver. A pessoa precisará abandonar o trabalho penoso ou continuar descontente, sobrecarregada, enfadada com a monotonia tão cansativa quanto o cavalo cego de um moinho.<sup>11</sup>

**Chamado eclesiástico.** Historiadores cristãos dizem que, nos tempos da Reforma,

o chamado da igreja estava em primeiro lugar.<sup>12</sup> Quando detectavam o dom pastoral em alguns jovens, eles os incentivavam a “despertar esse dom”. Então, se esses sentissem o chamado interior, seguiriam em frente com o apoio de todos. O chamado pressupunha estar habilitado para o exercício da função. No Novo Testamento foram escolhidos para o ministério os que possuíam qualidades espirituais e capacidade para as tarefas previstas (1Tm 3:1-13).<sup>13</sup>

Portanto, os que almejam seguir a carreira ministerial devem submeter sua impressão ao exame de irmãos consagrados, líderes dedicados e pastores experientes. Uma indicação exterior ainda mais importante seria a de que esse candidato já manifestasse algumas evidências de aptidão para o ministério. Em outras palavras, a confirmação suprema de que alguém possui o dom pastoral é o reconhecimento dos outros. Assim, o ministério não é o resultado de um chamado, mas de dois. Como G. Moyce disse: “Teologicamente, o chamado para o ministério é de Deus, mas confirmado pela igreja.”<sup>14</sup>

João Calvino declarou que “se alguém deve ser considerado verdadeiro ministro da igreja, é necessário que este considere o chamado exterior da igreja e o seu chamado interior, consciente de ministrar a si mesmo”.<sup>15</sup> Uma vez convencido do chamado, surge a necessidade de validação eclesial. De acordo com Jock Stein, a ideia de uma convicção interna isolada contém perigos, como a história da igreja tem provado muitas vezes. A igreja precisa ter critérios objetivos para que possa confirmar e validar o chamado.<sup>16</sup>

## Ministério autêntico

O chamado providencial e o chamado eclesial estão intrinsecamente ligados entre si. No entanto, a convicção interior do candidato deve ser primordial. Se alguém não tem certeza sobre o chamado, então, de acordo com Jock Stein, por

mais promissor que ele seja em todos os outros aspectos, a igreja tem não apenas o direito, mas também o dever de questionar sua candidatura.<sup>17</sup> G. Moyce coloca o ônus sobre o ministro ao dizer que “o chamado vem de Deus, assim, todo ministro tem um chamado que transcende a lealdade para com a igreja e os membros.”<sup>18</sup>

A administração da igreja, o ministério de capelania, o ministério educacional e o ministério pastoral fazem parte da missão de Cristo, realizada por missionários em seu país natal ou em terras estrangeiras. Já trabalhei como pastor, professor e administrador. Considero todas essas atribuições importantes e necessárias. No entanto, em minha função atual, exalto o privilégio de ser pastor de igrejas. John Stott disse: “Eu amo Cambridge e me senti atraído pela vida acadêmica, mas Deus me chamou para o pastorado.”<sup>19</sup> O ministério autêntico deve ser “um sacrifício vivo, santo e agradável a Deus” (Rm 12:1).

## Ministério realizado

Na medida em que pastores têm abandonado o ministério a um ritmo alarmante, o assunto do chamado não é uma questão técnica, mas de sobrevivência. De acordo com Leslie Flynn, “o ministério hoje pode ser árduo e espinhoso. Para sobreviver, o pastor precisa ter certeza de que Deus o chamou, caso contrário, a tarefa pode ser esmagadora”.<sup>20</sup>

Podemos ter qualificações e ser ordenados pela igreja, mas somente Deus pode nos capacitar a cumprir o ministério de maneira plena. Antes de tudo, é preciso ser chamado por Deus. Quando isso acontece, o Senhor assegura de que sejamos capacitados e reconhecidos. Walter Wiest declarou: “Devemos fazer concessões ao Espírito Santo, que opera quando e onde Deus determina. Ele realiza maravilhas apesar das limitações de Seus ministros.”<sup>21</sup> Uma vez que tenhamos certeza do chamado divino, precisamos nos render ao

Senhor e crer que Ele suprirá todas as nossas necessidades. **M**

## Referências

- <sup>1</sup> Helmut Richard Niebuhr, *The Purpose of the Church and Its Ministry: Reflection on the aims of theological education* (Nova York: Harper and Brothers, 1956), p. 63.
- <sup>2</sup> Crispus Micheni Ndeki, “An assessment of pastors stress management models among pastors in Presbyterian churches of East Africa in Meru South and Maara Districts” (dissertação de mestrado, Mount Kenya University, agosto 2013).
- <sup>3</sup> Richard Blackmon, citado em Gary Kinnaman e Alfred E. Ells, *Leaders That Last: How covenant friendships can help pastors thrive* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2003), p. 14, 15.
- <sup>4</sup> <http://www.intotheyword.org/apps/articles/?articleid=36562>.
- <sup>5</sup> Franklin M. Segler, *A Theology of Church and Ministry* (Nashville, TN: Broadman Press, 1960), p. 37.
- <sup>6</sup> Niebuhr, p. 65.
- <sup>7</sup> Leslie B. E. Flynn, *How to Survive in the Ministry* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1992), p. 23.
- <sup>8</sup> Charles Spurgeon, “Lectures to my students”, Series 1 (Marshall Brothers), p. 23.
- <sup>9</sup> Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 18, 19.
- <sup>10</sup> Flynn, p. 23.
- <sup>11</sup> *Ibid.*
- <sup>12</sup> Jock Stein, ed., *Ministers for the 1980s* (Edinburgh: Handel Press, 1979), p. 26.
- <sup>13</sup> Howard Belden, ed., *Ministry in the Local Church* (Londres: Epworth Press, 1986), p. 1.
- <sup>14</sup> Adaptado de G. B. Moyce, *Pastoral Ethics: Professional responsibilities of the clergy* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1988), p. 175.
- <sup>15</sup> *Ibid.*
- <sup>16</sup> Stein, p. 25.
- <sup>17</sup> *Ibid.*, p. 26.
- <sup>18</sup> Moyce, p. 175.
- <sup>19</sup> John Stott, “Humble scribe”, *Christianity Today*, 8/9/1989, p. 63.
- <sup>20</sup> Flynn, p. 63.
- <sup>21</sup> Walter E. Weist, *Ethics in Ministry* (Mineápolis, MN: Fortress Press, 1946), p. 103.



Gentileza do autor

**Daniel Opoku-Boateng**, doutor em Teologia, é vice-presidente e secretário ministerial para a Igreja Adventista na região Centro-Oeste Africana

# Dia do Pastor

20 de outubro



NÓS SOMOS A  
*Mensagem*

"Vocês mesmos são a nossa carta,  
escrita no nosso coração, para ser conhecida  
e lida por todos" (2 Coríntios 3:2).



# Chaves do sucesso

## As disciplinas essenciais para o desenvolvimento de um pastorado eficaz

Timothy Ehrlich

O assunto do êxito pastoral é realmente uma questão crítica, porque o cristianismo enfrenta desafios em várias partes do mundo, e os especialistas em crescimento de igreja concordam em declarar que o sucesso de uma igreja depende de sua liderança.

Em maio de 2015, uma pesquisa publicada no jornal *The Washington Post* apontou que, nos Estados Unidos, o cristianismo havia decrescido entre todas as etnias, regiões e níveis educacionais. O estudo verificou que 10% da população havia abandonado o cristianismo nos últimos anos. Isso fez cair para cerca de 71% a quantidade de cristãos no país entre 2008 e 2015.<sup>1</sup> Essa tendência de queda tem se mantido ao longo dos últimos 60 anos, e se intensificou nos últimos dez.<sup>2</sup>

De acordo com outra pesquisa, realizada pelo Instituto Hartford com mais de 32 mil igrejas, a frequência média nas igrejas norte-americanas diminuiu de 129 pessoas em 2005 para 80 em 2015.<sup>3</sup> Se o número médio de participantes continuar em queda na mesma proporção, nos próximos 10 anos a frequência poderá cair para 50 pessoas!

### Paixão e persistência

Diante desse quadro preocupante, especialistas em crescimento de igreja têm realizado estudos minuciosos sobre pastores bem-sucedidos e suas congregações. Esses estudiosos têm procurado explicar cada detalhe de “como fazer” e apresentado métodos para implementar programas de sucesso. Eles promovem eventos e treinamentos para o pastorado e, mesmo assim, a tendência de queda continua.

Quando, porém, encontramos pastores que estão superando esse diagnóstico negativo, somos levados a nos perguntar: o que eles têm feito? Em minha tese

de doutorado, procurei respostas para essa inquietação. Minha pesquisa confirmou que um fator que eles compartilham é sua paixão em servir a Deus e ao Seu povo. Um dos pastores que entrevistei me impressionou tremendamente. Sua igreja cresceu de 400 para mais



de 3 mil membros nos últimos 20 anos. Eu esperava que ele falasse sobre acontecimentos miraculosos que havia experimentado, mas ele não citou sequer um único milagre para alcançar tal sucesso. No entanto, o diálogo com esse servo de Deus, seu comportamento e suas práticas pessoais e ministeriais me mostraram que ele foi contagiado pelo senso do

serviço abnegado e persistente. Não são os métodos nem as técnicas que os tornam bem-sucedidos. A paixão pelo ministério é o que os impulsiona.

Perguntei a esses pastores sobre a origem de sua paixão e como a nutriam. Também questionei sobre as demandas que essa paixão exige deles. Fiquei surpreso quando descobri que o segredo do êxito ministerial vem do exercício e da prática de cinco disciplinas que alimentam sua paixão.

### Senso do chamado

Nas entrevistas, pedi que eles descrevessem seu chamado: o que os levou a acreditar que Deus desejava que servissem como pastores. A clara percepção de que se sentiam chamados foi uma das descobertas mais inesperadas de minha pesquisa. Eu esperava que os pastores que respondiam ter tido um chamado miraculoso tivessem uma convicção muito maior do que aqueles cujo chamado não havia sido “miraculoso”. Entretanto, esse não foi o caso. Todos expressaram certeza absoluta do chamado, e também relataram que diariamente experimentavam a sensação de estar novamente sendo chamados para o ministério.

As entrevistas também revelaram que os pastores que não tinham um forte senso do chamado exerciam o pastorado em períodos mais curtos.

Portanto, a conclusão a que cheguei é que a coisa mais importante para nos tornar mais eficientes no ministério é suplicar, a cada dia, que o Senhor reafirme em nós o senso da certeza do chamado divino.

### Relacionamento com Deus

Essa disciplina é imprescindível para desenvolver um ministério frutífero e abençoado. Os pastores bem-sucedidos revelaram que diariamente nutrem seu relacionamento com Deus orando e passando tempo com Ele e Sua Palavra. Também fiquei surpreso ao descobrir que eles se sentiam espiritualmente motivados ao perceber o Espírito do Senhor agindo na vida dos membros de suas igrejas. Um dos pastores disse que ver Deus trabalhando sutilmente, dia a dia, em seu ministério, é ter a oportunidade de ter contato com eventos aos quais ele chama de “vislumbres de glória”. Cada membro que sente essa atuação divina é convidado a testemunhar em uma reunião semanal.

Descobri que esses pastores acreditam que sua paixão para servir é fortalecida quando sentem que o Senhor também está operando nas pequenas coisas de seu trabalho. Um deles comentou: “O que me motiva é ver pessoas colocando sua fé em ação. Vejo o resultado em vidas transformadas.”

Comparado a ouvir o Espírito de Deus ou ter um vislumbre de glória, ver alguém colocando a fé em ação pode parecer uma experiência de menos intensidade espiritual, mas, para esses pastores, tais fatos são como maná, alimento espiritual que nutre sua paixão pelo ministério.

Os benefícios de se manter um relacionamento próximo com Deus são aparentes nesses pastores. Eles responderam que suas experiências espirituais têm influenciado positiva e profissionalmente seu ministério. Essa intimidade com Cristo e Sua Palavra tem contribuído para que eles permaneçam no pastorado, compartilhem o amor de Cristo e dediquem sua vida inteiramente à Causa de Deus. De todas as cinco disciplinas, reservar tempo diariamente para o Senhor é a que requer maior esforço e autodisciplina. No entanto, investir na comunhão com Deus é fundamental para o sucesso e a longevidade no ministério.



Cristovao31, Warrayu, B-C-Designs, IvanKob90, Halfpoint / AdobeStock



## Cuidado com a saúde

Outro resultado surpreendente da minha pesquisa foi verificar que esses pastores gozam de boa forma física e disposição mental. Eles são altamente intencionais e diligentes em cuidar de si mesmos e de cada aspecto de sua existência: corpo, mente, espírito e emoções.

Na disciplina anterior, vimos o que eles fazem para cuidar da espiritualidade. Mas o que mais me impressionou foi a constatação de que os pastores são comprometidos em cuidar da saúde por meio de exercícios físicos regulares. Eles se exercitam várias vezes por semana. Alguns me disseram que gostariam de perder peso, mas nenhum deles é obeso! Todos mencionaram que o exercício físico, além de aliviar as pressões do ministério, também honra a Deus, pois nosso corpo é templo do Espírito Santo (1Co 3:16, 17; 6:19).

Esses pastores estão comprometidos em aprimorar seus conhecimentos exercitando a mente. Sua fome por mais conhecimento se observa mediante o consumo intenso de livros, artigos e publicações *on-line*. Eles sentem que precisam se manter disciplinados na longa jornada do aperfeiçoamento. Um deles me disse: "Um líder é um leitor!" Ele me mostrou uma prateleira com mais de 30 livros que havia lido nos últimos dois anos relacionados ao ministério pastoral. Outro me falou que havia lido em seu Kindle 35 livros em 35 semanas. Em relação à Palavra de Deus, 100% deles leem a Bíblia semanalmente e 92% a leem diariamente.

Outra descoberta significativa foi a preocupação que esses ministros têm com a saúde mental. Todos, sem exceção, fazem parte de alguma rede de suporte emocional. Essa rede de apoio é ligeiramente diferente para cada um deles, mas todos estão ligados de uma ou outra maneira a um colega de ministério, a um pequeno grupo de pastores ou a um mentor, conselheiro ou terapeuta.

Eles me contaram que encontram forças para as demandas e os desafios do pastorado por meio dessas conexões. Isso os faz sentir que não estão sozinhos no ministério. Porém, o maior benefício é que, enquanto recebem apoio emocional, estão sendo, ao mesmo tempo, desafiados a permanecer comprometidos com as outras disciplinas.

## Aplicação de programas consolidados

Ao responder as perguntas da pesquisa, eles citaram livros e se referiram com frequência ao que têm aprendido com o ministério de alguns pastores bem-sucedidos. Todos demonstraram bom conhecimento das obras publicadas por especialistas em crescimento e administração de igreja.

Como era de se esperar, eles têm preferências diferentes por autores e empregam práticas diferentes em seu ministério. Contudo, nas entrevistas todos atribuíram seu sucesso à utilização de programas de liderança ministerial reconhecidamente aprovados.

Todos eles procuram (1) adaptar e implantar técnicas que observam em outros pastores de sucesso, (2) fortalecer suas igrejas por meio de práticas ministeriais consolidadas e (3) alimentar os membros de suas congregações com sermões espirituais e de qualidade.

## Compromisso com a Grande Comissão

Durante as entrevistas, vários deles mencionaram que os dois grandes mandamentos ordenados por Cristo (Mt 22:36-40) impulsionam sua paixão pelo ministério e norteiam suas atividades pastorais.

Por amar Deus acima de todas as coisas, eles se sentem compelidos a amar e ajudar os perdidos. Por amar os outros, eles desejam que estes conheçam o Deus que eles conhecem. Assim, por amar a Deus,

sentem-se inteiramente comprometidos com a Grande Comissão (Mt 28:18-20), e desejosos de fazer discípulos por toda a Terra.

## Conclusão

Por meio do levantamento de dados da minha tese doutoral pude constatar que pastores bem-sucedidos e eficazes são apaixonados pelo ministério. Sua paixão em servir a Deus e ao Seu povo é o que os motiva a desempenhar de maneira eficiente as diversas tarefas e a cumprir as demandas ministeriais. Sua paixão vem do amor profundo por Deus e por seus semelhantes. Isso os leva a manter relacionamento íntimo com Cristo, certificando-se cada dia do seu chamado, e a praticar as demais disciplinas mencionadas.

Por sua vez, a prática das disciplinas aumenta sua paixão em servir a Deus. Não posso prometer que aplicar essas cinco disciplinas faça com que todo pastor seja bem-sucedido. Contudo, posso dizer que todos os pastores bem-sucedidos que entrevistei seguem cada uma dessas disciplinas. Também posso afirmar que existe uma íntima ligação entre a paixão do pastor pelo ministério e a longevidade no serviço que realiza: o sucesso no ministério e a satisfação geral do pastor, de sua família e da igreja a que ele serve. **M**

## Referências

<sup>1</sup> Sarah Pulliam Bailey, "Christianity faces sharp decline as Americans are becoming even less affiliated with religion", *The Washington Post*, 12/5/2015, <<https://goo.gl/APUubG>>.

<sup>2</sup> Tobin Grant, "The Great Decline: 60 years of religion in one graph", *Religion News Service*, 27/1/2014, <<https://goo.gl/9FhfFe>>.

<sup>3</sup> David A. Roozen, "American Congregations 2015: Thriving and Surviving", *Faith Communities Today*, <<https://goo.gl/Y4cZk4>>.



Gentileza do autor

**Timothy Ehrlich**, doutor em Ministério, é pastor da Igreja Metodista Unida de Oakhurst, Flórida, Estados Unidos

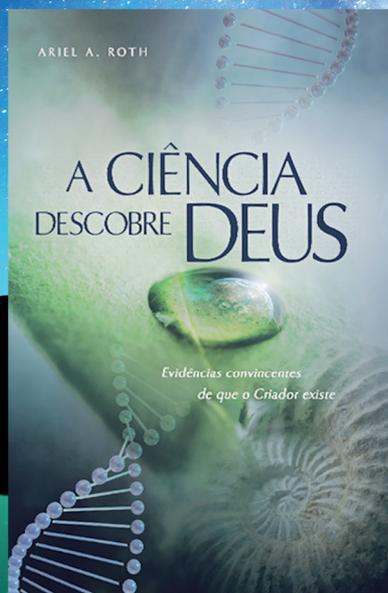
Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou visite [www.facebook.com/revistaministerio](http://www.facebook.com/revistaministerio)

DESDE A CRIAÇÃO DO MUNDO OS ATRIBUTOS **INVISÍVEIS**  
DE DEUS, SEU ETERNO PODER E SUA NATUREZA DIVINA,  
TÊM SIDO VISTOS CLARAMENTE, SENDO COMPREENDIDOS  
POR MEIO DAS COISAS CRIADAS, DE FORMA QUE TAIS  
HOMENS SÃO INDESCULPÁVEIS.

ROMANOS 1:20

MKT/CPB | Fotolia

ADQUIRA LIVROS QUE  
APRESENTAM UM POUQUINHO  
DOS ATRIBUTOS INVISÍVEIS DE  
DEUS REVELADOS NA NATUREZA.



**A Ciência Descobre Deus**  
Ariel A. Roth

FORMATO: 14,0 X 21,0  
NÚMERO DE PÁGINAS: 272  
ACABAMENTO: BROCHURA



**Maravilhas da Criação**  
Gerald E. Vyhmeister

FORMATO: 14,0 X 21,0  
NÚMERO DE PÁGINAS: 224  
ACABAMENTO: BROCHURA

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



# Cuide do seu ministério

*David Cross\**

Um ex-pastor abre o coração  
e compartilha dicas valiosas  
para quem está no pastorado



Samuel Martins / Unsplash

**A**inda me lembro com pesar da última reunião para a qual fui convocado enquanto era pastor. Eu não fazia ideia do assunto, mas ao adentrar a sala e ver a feição triste dos administradores de minha sede regional, percebi imediatamente que uma tragédia estava se abatendo sobre mim. Depois de apenas cinco anos, por minha culpa, chegava ao fim o ministério que havia sido motivo de meus sonhos e trabalho desde a juventude.

Enquanto estava na faculdade de Teologia, ouvi de um professor números assustadores em relação ao ministério adventista ao redor do mundo. Nas palavras dele, “de cada dez pastores que entram na Obra, apenas três ou quatro alcançarão a jubilação”. Os motivos apresentados para tamanha evasão foram os mais diversos, como inaptidão, problemas de relacionamento, divórcio e desvios de conduta em relação ao sexo oposto ou ao dinheiro. No fim da aula, o professor fez uma solene advertência, quase como uma profecia: “muitos dos que aqui estão, infelizmente, irão integrar essas estatísticas”. Naquele momento, jamais imaginei que eu seria um deles.

A realidade tem mostrado que meu professor tinha razão. Ano após ano, muitos pastores abandonam as fileiras ministeriais e, em geral, quando se observa as razões de cada baixa, a tendência é olhar as causas aparentes, perdendo de vista o panorama mais amplo. Desse modo, é preciso entender que, em última análise, quando um pastor deixa o ministério, é porque perdeu muito mais do que sua credencial, ele perdeu a própria identidade.

Certa vez, ouvi de um ministro experiente que, se cada pastor ficasse um ano fora do ministério, voltaria renovado e agradecido pela oportunidade de servir à igreja. Eu concordo com a visão desse servo de Deus. É sob a perspectiva de quem caiu e está do lado de fora que me dirijo a você. Não tenho a pretensão de ser algum tipo de conselheiro nem alguém que esteja na posição de dizer o que é certo ou errado. Minha intenção é apenas compartilhar algumas

reflexões, a fim de que não caia onde eu caí e não passe pelo caminho amargo e doloroso que eu e tantos outros passamos, para que você honre a Deus com seu ministério e não seja o próximo a aumentar a estatística mencionada há pouco.

## **Considere-se privilegiado**

Pense no privilégio que você tem ao ser chamado de pastor. Reflita no carinho que as pessoas lhe dispensam, mesmo sem conhecê-lo bem. Considere a admiração que os membros da igreja nutrem por você, nas muitas orações que centenas de fiéis fazem em seu favor. Medite no privilégio que é poder dedicar cada hora da vida a Deus, e ainda ser sustentado por isso. Pense na honra que é liderar, ensinar, pregar, batizar, realizar casamentos, ministrar a ceia do Senhor e testemunhar acerca do evangelho de Jesus.

Não perca isso de vista! Jamais se imagine mais feliz em qualquer outro lugar que não seja no ministério. Ao refletir sobre o chamado de Abraão, Ellen White escreveu: “Deus falou, e Seu servo devia obedecer; o lugar mais feliz da Terra para ele seria aquele em que Deus quisesse que ele estivesse. Muitos ainda são provados como Abraão. Não ouvem a voz de Deus falando diretamente do Céu, mas Ele os chama pelos ensinamentos de Sua Palavra e acontecimentos de Sua providência. Pode ser-lhes exigido que abandonem uma carreira que promete riqueza e honra, que deixem associações agradáveis e proveitosas, e separem-se dos parentes, para entrar no que parece ser apenas uma senda de abnegação, agruras e sacrifícios. Deus tem uma obra para eles realizarem.”<sup>11</sup>

Por favor, não troque nenhuma vantagem financeira mesquinha, nenhum momento de prazer carnal pelo privilégio de viver o chamado que o Senhor lhe deu.

## **Conheça a natureza do conflito**

Nossa cultura é existencialista. Logo, tudo que é espiritual tende a ser relativizado ou abrandado, como algo de pouca

ou nenhuma importância. Esse é o palco em que você desenvolve seu ministério. Contudo, embora o ambiente de trabalho seja material, a obra que está em suas mãos é espiritual. O apóstolo Paulo escreveu: “Pois a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais” (Ef 6:12, NVI).

Portanto, lembre-se de que contra você estão arregimentadas todas as forças confederadas do mal. O inimigo é um anjo caído, munido de intelecto e poderes que estão além da imaginação humana. Suas táticas e seus ardis são tão letais que enganaram a terça parte do anjos do Céu, e após milhares de anos de prática, encontram-se mais aperfeiçoados para levar a humanidade à ruína e perdição. Não ignore nem subestime a capacidade de Satanás. Sua única proteção e salvaguarda se encontram em Deus e na comunhão diária com Ele. Suplique do Céu sabedoria para discernir as ciladas postas em seu caminho e fuja delas. Não perca de vista o fato de que são suas escolhas diárias que determinarão sua vitória ou derrota nesse intenso campo de batalha.

## Lute contra a vaidade

O ministro adventista é uma figura pública, respeitada por sua boa conduta, seu preparo intelectual e sua posição de liderança. A admiração, o carinho e o aplauso são para ele companheiros constantes e perigosos.

Ainda no início da Igreja Adventista, Dudley M. Canright se tornou um expoente na pregação e nos debates públicos. Ele teve o privilégio de ser acompanhado pessoalmente por Tiago e Ellen White, que viam nele grande potencial. Entretanto, após se acostumar com os cumprimentos e a aprovação popular pelo brilhantismo de suas mensagens, Canright passou a se

considerar uma estrela de primeira grandeza, só limitada pela mensagem impopular que pregava.

Apesar das muitas advertências que ouviu a respeito de sua falta de modéstia e humildade, Canright não mudou sua postura. Entre as pessoas que Deus usou na tentativa de o persuadir estava D. W. Reavis, professor do Battle Creek College, que lhe disse com franqueza: “Dudley, a mensagem fez de você o que é, e no dia em que a deixar, voltará ao mesmo lugar em que ela o encontrou.”<sup>2</sup>

Ellen White também apelou ao coração de Canright ao escrever: “Sempre tive o desejo do poder, da popularidade, e isso é uma das razões de tua presente situação. [...] Quiseste ser muita coisa e fizeste uma ostentação e um ruído no mundo, e em resultado disso, teu sol certamente se porá em obscuridade. Estás a cada dia encontrando um prejuízo eterno.”<sup>3</sup> Infelizmente, ele não aceitou essas admoestações e terminou a vida afastado da igreja e do Deus que o chamou para o serviço cristão.

Exemplos como o de Canright são lembretes de que um pastor não deve se deixar enganar pelo poder da lisonja e o sedutor som dos aplausos. A vaidade e o orgulho são os pais de todos os pecados. Olhe sempre a humildade incondicional de Cristo, que “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a Si mesmo Se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-Se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a Si mesmo Se humilhou, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2:6-8).

Não caia no erro de se considerar um super-herói espiritual. Seja humilde e lembre-se de que tudo que você tem, quer sejam dons, quer sejam bens, lhe foram confiados por Deus, e a Ele pertencem para sempre.

## Conclusão

Por muito tempo tentei compreender os motivos que me levaram a cometer a loucura de negligenciar o sagrado chamado que um dia recebi. Após passar pelo luto da perda irreparável de meu ministério e de ver minha identidade se desintegrar, entendi que deveria me recompor e compartilhar minha experiência, a fim de advertir e animar os pastores em suas lutas. Encontrei apoio para fazer isso na seguinte citação:

“Homens a quem Deus favoreceu, e a quem confiou grandes responsabilidades, foram algumas vezes vencidos pela tentação e cometeram pecado, mesmo como nós, presentemente, esforçamo-nos, vacilamos, e frequentemente caímos em erro. Sua vida, com todas as suas faltas e loucuras, está patente diante de nós, tanto para nosso ânimo como nossa advertência. Se eles fossem representados como estando sem faltas, nós, com nossa natureza pecaminosa, poderíamos desesperar-nos pelos nossos erros e fracassos. Mas, vendo onde outros lutaram com desânimos semelhantes aos nossos, onde caíram sob a tentação como o temos feito, e como todavia se reanimaram e venceram pela graça de Deus, animemo-nos em nosso esforço para alcançar a justiça.”<sup>4</sup>

Minha oração é para que seu ministério seja duradouro e que as palavras dirigidas a Daniel se cumpram em sua vida: “Quanto a você, siga seu caminho até o fim. Você descansará e, então, no final dos dias, você se levantará para receber a herança que lhe cabe” (Dn 12:13). **TM**

## Referências

- <sup>1</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 126, 127.
- <sup>2</sup> Enoch de Oliveira, *A Mão de Deus ao Leme* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 204.
- <sup>3</sup> Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 2, p. 163.
- <sup>4</sup> Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 238.

**David Cross** (pseudônimo) foi pastor no Brasil por cinco anos

# “Do Egito chamei o Meu filho”

A confiabilidade da hermenêutica dos autores do Novo Testamento

Leon Forado / AdobeStock

Isaac Malheiros

O Novo Testamento é frequentemente acusado de distorcer textos do Antigo Testamento.<sup>1</sup> Um dos casos mais conhecidos é a citação de uma frase de Oseias 11:1 em Mateus 2:15: “para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o Meu filho”. O problema é que, aparentemente, Oseias estava falando apenas do Êxodo histórico e não de um futuro evento messiânico. Será que Mateus distorceu o sentido desse texto?

O assunto é importante, pois a hermenêutica adventista procede “implícita ou explicitamente da própria Escritura”, deduzindo normas e seguindo exemplos bíblicos de interpretação das Escrituras.<sup>2</sup> Se a Bíblia guia a hermenêutica adventista fornecendo princípios interpretativos e exemplos ilustrativos, devemos extrair lições do exemplo de Mateus.

## O texto em Oseias

Começamos examinando o contexto imediato<sup>3</sup> de Oseias 11:1: a referência ao Êxodo, à posterior infidelidade de Israel (11:2-7) e sua restauração escatológica (11:10, 11). Os últimos versículos do capítulo 11 contrastam a obediência final de Israel à sua desobediência inicial. O Egito aparece no começo e no fim, evidenciando um *contraste* entre o Êxodo inicial e a restauração final, que muitos intérpretes chamam de “novo Êxodo”.<sup>4</sup>

O contexto mais amplo do livro de Oseias revela que, para Israel voltar a Deus novamente, um novo Êxodo teria que ocorrer.<sup>5</sup> Nesse caso, o Êxodo, portanto, é um evento tipológico, em vez de um mero acontecimento histórico.<sup>6</sup> Assim, a expectativa de um novo Êxodo é acompanhada da figura de um líder-Rei messiânico. O profeta faz referências separadas a um futuro retorno de Israel ao Egito (8:13; 9:3, 6; 11:5 [NVI]) e a um novo Êxodo escatológico

com uma figura real à frente (“Davi, seu rei; [...] nos últimos dias”; 3:5).

Aprofundando a compreensão acerca do texto, muitos estudiosos identificam alusões a Números 23 e 24 em Oseias 11:1.<sup>7</sup> Oseias e Números apresentam a imagem do leão conectada à saída do Egito (11:10, 11; Nm 23:22, 24; 24:8, 9) e aplicada tanto ao libertador (Os 11:10; Nm 24:7-9 [ACF]) quanto aos libertados: Deus, o futuro Rei,<sup>8</sup> e o povo de Israel são comparados ao leão. Ao aplicar a mesma linguagem ao Messias e a Israel, a Bíblia indica que há uma identificação entre ambos.

Por sua vez, a imagem do leão de Números 24 é uma alusão à profecia messiânica de Gênesis 49:9 (“Judá é leãozinho; [...] deita-se como leão e como leoa; quem o despertará?”),<sup>9</sup> e é provável que Números 24:7 a 9 esteja descrevendo o futuro rei que sairá do Egito, o mesmo rei escatológico de Números 24:17 a 19. Isso significa que

Oseias tinha em mente Números 23:22 e 24 e 24:7 a 9 que, por sua vez, aludem ao Messias prometido em Gênesis 49:9. Assim, foi com essa bagagem hermenêutica que ele escreveu “do Egito chamei o Meu filho”.

## O Messias e Israel

O novo Êxodo é aplicado a Israel e ao Messias – ao coletivo e a um indivíduo. Um rei de Israel sai do Egito em Números 24 (que parece ser aludido em Oseias 11:10, 11) e a mesma imagem do “leão” descreve o povo (Nm 23:24) e o rei (Nm 24:9). Em Oseias 3:5, ambos, Israel e o Messias-rei, aparecem no novo Êxodo escatológico, quando os israel-

Oseias (Nm 24:14, 17; Os 3:5). Assim, Números descreve um rei individual de forma intercambiável com o próprio Israel, o que explica a razão de Mateus ter aplicado a linguagem nacional corporativa de Oseias 11:1 a um rei individual, Jesus.

De fato, a identificação do Messias com Israel é um padrão encontrado no Antigo Testamento. Em Isaías 42 e 49 a 57, Israel e o Messias são chamados de servos de Deus, sendo o Messias um servo fiel (Is 42:1-7), e Israel o servo cego, surdo e mudo (Is 42:19), que falha em sua missão (Is 42:18-22). O Messias é o servo que fará tudo o que Israel não conseguiu (Is 49:1-7) e,

mente dos leitores todo o contexto que a acompanhava. Mateus citou “do Egito chamei o Meu filho” puxando o fio, e esperava que um leitor judeu conhecesse seu contexto mais amplo.<sup>13</sup>

Ciente da identificação de Israel com a pessoa do Messias no Antigo Testamento, Mateus adotou a mesma abordagem corporativa de Oseias, assumindo que há um novo Êxodo em que o Messias representa corporativamente Israel.<sup>14</sup>

Desse modo, o evangelista apresentou uma correspondência entre a história de Jesus e a história de Israel,<sup>15</sup> apresentando Cristo como o novo Israel e como o novo Moisés, liderando um novo Êxodo.<sup>16</sup> O próprio Moisés havia predito a vinda de um profeta que lhe seria semelhante (Dt 18:15-18). No monte da transfiguração, ele conversou com Jesus (o novo Moisés) sobre o iminente sacrifício de Cristo. Curiosamente, Lucas 9:31 emprega exatamente o termo grego *êxodos* para designar a “partida” de Jesus.<sup>17</sup>

Como foi com Israel, Cristo saiu do Egito após um decreto de morte (Mt 2:15), passou pelas águas do batismo como antítipo da travessia do mar Vermelho (Mt 3; a travessia do mar é chamada de “batismo” em 1Co 10:1, 2) e foi ao deserto (Mt 4:1). Contudo, Jesus venceu onde Israel fracassou.<sup>18</sup>

Essa correspondência entre Israel e o Messias está em toda a Bíblia, sendo Cristo o ápice da trajetória de Israel.<sup>19</sup> Israel e Cristo são chamados de “filho de Deus” nas Escrituras.<sup>20</sup> Usando uma expressão mais específica, Oseias descreve Israel como “filhos do Deus vivo” (Os 1:10), mesmo título aplicado a Jesus: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16:16).<sup>21</sup>

Se considerarmos que o Messias é chamado de Israel (Is 49:3), essa designação fica ainda mais clara, e evidencia que, ao identificar o Messias com Israel, Mateus estava apenas seguindo uma trilha aberta no Antigo Testamento.

Mateus não deu nenhum significado estranho ao texto de Oseias, mas expôs seu significado maior, respeitando seu contexto original mais amplo.

litas “nos últimos dias, tremendo, se aproximarão do Senhor” e de seu rei. A mesma imagem de “tremor” de Oseias 3:5 é usada para descrever o retorno de Israel em 11:10 e 11, em que eles também “tremendo, virão do Ocidente” e “tremendo, virão [...] do Egito”.

Um intercâmbio entre Israel e o Messias também é evidente na profecia de Balaão (Nm 23, 24), em que o Êxodo histórico é vinculado ao êxodo do Messias, em um sutil jogo de palavras: “Deus os tirou do Egito [plural, referindo-se a Israel]” (Nm 23:22 [ACF]). Em Números 24:8, Balaão repetiu a mesma frase, aplicando-a ao futuro rei, apenas mudando o singular<sup>10</sup> em plural: “Deus o [singular] tirou do Egito” (Nm 24:8 [ACF]).

Esse êxodo messiânico ocorre nos “últimos dias” tanto em Números quanto em

finalmente, restaurará Israel (Is 49:5, 6). Assim, há no Antigo Testamento a expectativa de um novo Filho, um novo Servo, um novo Israel, que teria sucesso onde o antigo Israel havia fracassado. Mateus não inventou nenhuma nova teologia nesse aspecto.

## O texto em Mateus

É fato reconhecido que os escritores do Novo Testamento frequentemente citam uma passagem do Antigo Testamento como um indicador para que o leitor considere o *contexto mais amplo* daquela passagem citada.<sup>11</sup> Em outras palavras, muitos textos do Novo Testamento trazem citações que *resumem* os argumentos do contexto maior.<sup>12</sup> É como se, ao citar aquela única passagem, o escritor apenas começasse a puxar o fio do novelo, trazendo à

## Conclusão

À luz de tudo isso, podemos afirmar que Mateus não deu nenhum significado estranho ao texto de Oseias, mas expôs seu significado maior, respeitando seu contexto original mais amplo. Como há tipologia em Oseias, Mateus aplicou princípios tipológicos a Oseias 11:1. Há continuidade e homogeneidade entre ambos os autores.

Há teólogos que interpretam Mateus 2:15 como tipologia,<sup>22</sup> abordagem “tipológico-profética”,<sup>23</sup> “correspondência analógica”<sup>24</sup> ou ainda *sensus plenior*.<sup>25</sup> Seja qual for o nome da abordagem usada, nossa hermenêutica deve refletir coerentemente nossa visão das Escrituras, como Palavra de Deus.

Apesar de os autores inspirados nem sempre terem compreendido plenamente o que escreveram (1Pe 1:11, 12),<sup>26</sup> Ellen White alertou contra os falsos mestres que “ensinam que as Escrituras têm um sentido místico, secreto, espiritual, que não transparece na linguagem empregada”.<sup>27</sup>

Se temos a mesma visão das Escrituras que os escritores da Bíblia tiveram, também devemos ter os mesmos parâmetros hermenêuticos. Se nossos métodos de interpretação devem ser deduzidos da própria Bíblia, se cremos que as Escrituras são sua própria intérprete, devemos ter a hermenêutica dos autores inspirados na mais alta conta, em vez de rebaixá-los a praticantes “inspirados” do “método texto-prova”.

A interpretação proposta neste artigo não pretende esgotar a questão. Muito mais pode ser escrito sobre o assunto, e cada passo pode ser discutido. Entretanto, creio que seja suficiente o que apresentamos para demonstrar que os autores do Novo Testamento praticaram uma hermenêutica refinada, e que temos muito trabalho exegético a fazer, o que demanda mais do que uma leitura apressada e superficial das Escrituras.

Segundo Ellen White: “Cumpram-nos exercer todas as faculdades da mente no estudo das Escrituras, e aplicar o intelecto em compreender as profundas coisas de Deus, tanto quanto possam fazer os mortais.”<sup>28</sup> **TM**

## Referências

<sup>1</sup> E. Earl Ellis, “How the New Testament uses the Old”, em *New Testament Interpretation* (Grand Rapids: Eerdmans, 1977), p. 209.

<sup>2</sup> Richard Davidson, “Interpretação bíblica”, em *Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011), p. 78.

<sup>3</sup> O documento “Métodos de Estudo da Bíblia”, votado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1986, estabelece que o intérprete das Escrituras deve estudar “o contexto da passagem sob consideração relacionando-o com as sentenças e parágrafos imediatamente precedentes e os que se seguem”, e “relacionar as ideias das passagens com a linha de pensamento do livro bíblico em sua totalidade”.

<sup>4</sup> Richard Davidson, “New Testament use of the Old Testament”, *Journal of the Adventist Theological Society*, 5/1, (1994), p. 14-39.

<sup>5</sup> Oseias fez diversas referências ao Êxodo histórico (2:14, 15; 12:9, 13; 13:4, 5), a um futuro retorno de Israel ao Egito (8:13; 9:3, 6; 11:5 [NVI]) e a um novo Êxodo escatológico com uma figura real à frente (“Davi, seu rei; [...] nos últimos dias”; 3:5).

<sup>6</sup> Yair Hoffman, “A north Israelite typological myth and a Judean historical tradition: The exodus in Hosea and Amos”, *Vetus Testamentum*, v. 39, n. 2 (1989), p. 170-173.

<sup>7</sup> A 28ª edição do texto grego de Nestlé-Aland cita Oseias 11:1 e Números 23:22 e 24:8 como alusões em Mateus 2:15. E muitos pesquisadores identificam alusões a Números em Oseias 11. Ver Duane Garrett, *Hosea* (Nashville: Broadman and Holman, 1997), p. 229.

<sup>8</sup> O texto hebraico de Números 24:7-9 traz uma referência no singular ao rei, como trazem as versões King James, ACF e NAS, e não uma referência plural ao povo, como na ARA.

<sup>9</sup> Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), p. 34, 52, 205.

<sup>10</sup> O que é dito sobre o passado de Israel em Números 23 é repetido em Números 24 como obra de um futuro rei. Infelizmente, essa estrutura paralela se perde na maioria das traduções em português, que colocam as formas singulares no capítulo 24 como plurais.

<sup>11</sup> C. H. Dodd, *According to the Scriptures* (Londres: Collins, 1952), p. 74-133. Para uma discussão e bibliografia apoiando a conclusão de Dodd, ver G. K. Beale, *Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: Exegese e interpretação* (São Paulo: Vida Nova, 2013), p. 25-28 (especialmente 26, nota 11, p. 133).

<sup>12</sup> Darrell Bock, “Use of the Old Testament in the New”, em *Foundations for Biblical Interpretation* (Nashville: Broadman & Holman, 1994), p. 101.

<sup>13</sup> W. F. Albright e C. S. Mann, “Matthew”, *The Anchor Bible* (Garden City: Doubleday, 1971), p. lxii.

<sup>14</sup> Não podemos afirmar que o “filho” de Oseias 11 seja um termo messiânico, mas Oseias 11:1 faz parte de uma matriz messiânica e, nessa matriz, a história de Israel aguarda a pessoa que a resume e recapitula. Nesse sentido, Oseias 11:1 espera tipologicamente o Messias. Ver D. A. Carson, “Matthew”, em *Expositor's Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan, 1984), v. 8, p. 92.

<sup>15</sup> M. Eugene Boring, *The New Interpreter's Bible* (Nashville: Abingdon Press, 1995), v. 8, p. 175.

<sup>16</sup> W. D. Davies, *The Sermon on the Mount* (Cambridge: University Press, 1966), p. 16.

<sup>17</sup> Outra expectativa do novo Êxodo seria o “novo Maná”, que Jesus cumpriu ao declarar-Se o “pão do Céu” (Jo 6:31-35, 48-58).

<sup>18</sup> Israel foi desobediente (Os 11:2-5), Cristo não (Mt 4:1-11); Israel se rebelou após o batismo do mar Vermelho (Êx 15:22-26), enquanto Cristo foi elogiado pelo Pai após o batismo (Mt 3:17); Israel quebrou a lei logo após recebê-la (Êx 32), enquanto Cristo disse: “não vim para revogar [a Lei], vim para cumprir” (Mt 5:17); Israel caiu na idolatria (Os 11:1-5), mas Cristo defendeu a adoração só a Deus (Mt 4:1).

<sup>19</sup> N. T. Wright, “Christian origin's and the question of God”, em *Engaging the Doctrine of God: Contemporary Protestant perspectives* (Grand Rapids: Baker Academic, 2008), p. 21-36.

<sup>20</sup> Êx 4:22, 23; Mt 2:15; 3:17; 4:3, 6; 8:29; 11:27; 14:33; 16:16; 17:5; 26:63; 27:40, 43, 54.

<sup>21</sup> Há estudiosos que afirmam que Mateus 16:16 seja uma alusão a Oseias 1:10, e não uma coincidência. Ver, por exemplo, Mark J. Goodwin, “Hosea and ‘the Son of the Living God’ in Matthew 16:16b”, *Catholic Biblical Quarterly*, v. 67, n. 2 (2005), p. 265-283.

<sup>22</sup> G. K. Beale e D. A. Carson, *Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2014), p. 9.

<sup>23</sup> Bock, p. 111, 112.

<sup>24</sup> Andy Woods, “The use of Hosea 11:1 in Matthew 2:15”, <<https://goo.gl/K765VY>>.

<sup>25</sup> Walter Dunnett, *The Interpretation of Holy Scripture* (Nova York: Thomas Nelson, 1984), p. 61, 62.

<sup>26</sup> Ellen G. White, *O Grande Conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), p. 344.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 598.

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 299.



Gentileza do autor

**Isaac Malheiros**, doutorando em Teologia, é pastor do Instituto Adventista Paranaense

ARQUEOLOGIA

# Em busca de

**A arqueologia do tanque de Betesda e sua importância para o relato de João 5:1 a 9**



Milton L. Torres

O evangelho de João menciona dois tanques: o tanque de Betesda, no capítulo 5, objeto deste artigo, e o tanque de Siloé, no capítulo 9. Os dois tanques já foram identificados arqueologicamente. Embora nunca haja certeza absoluta, além de qualquer dúvida, considera-se que os arqueólogos tenham, de fato, encontrado esses dois sítios.

Conrad Schick, arqueólogo alemão, identificou o tanque de Betesda em 1888. Localizado nas imediações da igreja de Sant'Ana, o tanque só começou a ser escavado em 1951, sob a liderança do padre Louis Vincent e com o patrocínio da Escola Bíblica Dominicana. A escavação do local foi difícil, pois a igreja de Sant'Ana é uma edificação antiga, construída pelos Cruzados no 11º século, localizada no setor muçulmano de Jerusalém. Encontra-se no início da chamada Via Dolorosa, próximo da Fortaleza Antônia, do Mosteiro da Flagelação e da Igreja do Ecce Homo.

Em João 5 encontra-se um famoso problema crítico-textual. Compreender isso é fundamental para o entendimento deste artigo. O texto diz: "Passadas estas coisas, havia uma festa dos judeus, e Jesus subiu para Jerusalém. Ora, existe ali, junto à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebraico Betesda, o qual tem cinco pavilhões" (Jo 5:1, 2). No versículo 2, ocorre, pela primeira vez, a palavra "tanque" [*kolybêthra*]. O nome do tanque é Betesda que, em hebraico, significa "casa de misericórdia". Esse significado assume importância no contexto da história, conforme será apresentado adiante.

### O problema textual

O tanque de Betesda tinha cinco pavilhões e, durante muito tempo, isso intrigou os arqueólogos, porque não há registro no mundo greco-romano de um tanque que tivesse um formato de cinco lados. Como essa expressão foi interpretada assim, isso retardou muito a identificação do local. De fato, não são cinco lados, mas cinco pavilhões.

De acordo com João 5:3, "nestes, jazia uma multidão de enfermos, cegos, coxos, paráliticos". Nesse ponto, começa o problema crítico-textual. O versículo 4 está inserido entre colchetes, indicando que se trata de um trecho disputado. O texto diz: "esperando que se movesse a água. Porquanto um anjo descia em certo tempo, agitando-a; e o primeiro que entrava no tanque, uma vez agitada a água, sarava de qualquer

Jukovskyy / AdobeStock

doença que tivesse”. Trata-se de uma declaração bastante curiosa. Em nenhum lugar da Bíblia há qualquer outro incidente em que se descreva um tipo tão peculiar de comportamento angélico. Felizmente, os arqueólogos encontraram informações que lançam luz ao que ocorria no tanque.

Vários manuscritos da Bíblia omitem a participação do anjo. Em verdade, os mais antigos e mais confiáveis não trazem essa referência. É o caso, por exemplo, dos papíros 66 e 75, que são do início do 3º século, e pertencem à coleção Bodmer. No 4º século também não há referências ao anjo, nem mesmo no Códice Sinaítico, a Bíblia completa mais antiga que se tem conhecimento.

De fato, a primeira referência ao anjo ocorre em um manuscrito do 5º século: o Códice Ephraemi Rescriptus. Trata-se de um palimpsesto difícil de ler, porque possui dois textos sobrepostos. Alguém apagou o texto bíblico e escreveu outro por cima. Curiosamente, a primeira referência ao anjo não ocorre dentro do texto, mas na margem, escrita por uma segunda mão. Ou seja, esse texto é do 5º século, mas não foi o copista original que o escreveu. Foi uma segunda mão, alguém que leu o texto e colocou sua explicação do lado esquerdo, porque a história não lhe parecia fazer sentido sem a presença do anjo.

Em manuscritos posteriores, a referência salta da margem para o interior do texto. O primeiro texto em que isso ocorre é o Códice Alexandrino, também do 5º século. Isso também acontece no Códice de Paris (8º século); no Códice São Galeno (9º século); e finalmente, no Códice Tbilisi (9º século). Essas primeiras ocorrências são perceptivelmente tardias. Por isso, os especialistas são praticamente unânimes em dizer que essa

passagem não faz parte do original. Assim, ao longo do tempo, todo o texto foi incorporado ao manuscrito, porque era muito difícil o copista saber se era apenas um comentário que foi acrescentado à margem ou um texto que, na hora de ser copiado, o copista esqueceu do lado de fora.

## O tanque de Betesda

O fato de João mencionar Betesda (“casa de misericórdia”) era de fundamental importância para o leitor grego. Antes, porém,



No período neotestamentário, “casa de misericórdia” era o nome comumente dado ao santuário grego de cura, especialmente o templo de Esculápio, que os gregos chamavam de Asclépio.

de explicar o porquê disso, é preciso dizer que os dicionários de grego clássico definem *kolymbêthra* como sendo uma “piscina” e não um “tanque”. Em realidade, o tanque de Betesda era uma piscina, um lugar em que as pessoas entravam, e isso é muito importante, porque não se imagina que uma pessoa entre num reservatório que estava, por exemplo, destinado à purificação das talhas.

Sabe-se que as ovelhas que entravam para ser sacrificadas no templo passavam

pelo Portão das Ovelhas, ou Portão do Leão, que ficava próximo do tanque. Portanto, havia ali alguma área reservada para a lavagem cerimonial, embora essas ovelhas não fossem lavadas no mesmo lugar em que as pessoas nadavam, pois a palavra *kolymbêthra* está relacionada ao verbo *kolymbô*, que significa “nadar”. Então, o tanque era um local aonde as pessoas iam para se refrescar e que se tornou, com o passar do tempo, um lugar de milagres, por uma razão específica.

João 5:2 diz que o tanque tinha cinco “pavilhões” [*stoaí*]. Um pavilhão ou pórtico era um lugar em que havia a presença de colunas e um telhado. Não havia necessariamente paredes, embora o tanque de Betesda as tivesse. Os escavadores descobriram que o local tinha um formato peculiar. A parede noroeste media 66 metros, a nordeste media 60 metros, formando um pavilhão contínuo de 126 metros.

Os cinco pavilhões se devem, portanto, ao formato de retângulo do edifício, dividido em dois quadrados, formando um pavilhão ao longo de cada um dos quatro eixos: norte, leste, sul e oeste. A parede divisória também tem o aspecto de pavilhão, funcionando como quinto pórtico. Podemos, então, contar cinco pavilhões ao todo. Foi isso que tanto atrapalhou os arqueólogos, porque procuravam um lugar que tivesse a forma de pentágono, mas nunca conseguiram encontrar um edifício assim.

João oferece a tradução de Betesda porque, no mundo grego, havia um edifício conhecido como “casa de misericórdia”. No período neotestamentário, “casa de misericórdia” era o nome comumente dado ao santuário grego de cura, especialmente o templo de Esculápio, que os gregos chamavam de Asclépio.

## Milagre no tanque

Então, qual é a implicação disso? Os arqueólogos descobriram, na mesma área do tanque de Betesda, um templo de Esculápio do 2º século da era cristã, e também um altar dedicado a ele erigido no 2º século antes de Cristo. Jerusalém era, na época aproximada do Novo Testamento, uma cidade altamente helenizada e, por isso, não é estranha a presença ali de um altar pagão.<sup>1</sup>

De acordo com John Romer, havia no Império Romano 400 “casas de misericórdia” dedicadas a Esculápio, no período inicial do cristianismo.<sup>2</sup> Há um texto de Justino Mártir, o *Diálogo com Trifão*, escrito pouco mais de 100 anos depois do incidente ocorrido no tanque de Betesda, que diz: “Quando o diabo me sugerir, ou mencionar para mim, que Esculápio é um deus poderoso porque ele ressuscita os mortos e cura, não deveria eu mencionar as ressurreições e as curas que Jesus realizou?” (parágrafo 60). Ou seja, havia a menção constante do fato de que Esculápio conseguia ressuscitar os mortos e fazer curas. Assim, Justino Mártir sugere apresentar Jesus como legítimo competidor com o deus pagão.

De volta ao relato, João 5:5 a 7 narra o diálogo inicial de Jesus com o paralítico. “Estava ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. Jesus, vendo-o deitado e sabendo que estava assim há muito tempo, perguntou-lhe: Queres ser curado? Respondeu-lhe o enfermo: Senhor, não tenho ninguém que me ponha no tanque, quando a água é agitada; pois, enquanto eu vou, desce outro antes de mim.” O argumento do paralítico, portanto, não estava relacionado à presença do anjo, mas a ser o primeiro a entrar no tanque. E a arqueologia e a história ajudam a entender o que estava por trás da expectativa daquele homem.

Em realidade, o que causava a agitação das águas era a ação do sacerdote em abrir a tubulação que conectava a parte alta do tanque com a parte baixa, fazendo

com que a água se agitasse. Na crença pagã, era esse o momento em que Esculápio realizava a cura. Essa informação enriquece a compreensão do texto, pois Jesus Se manifestou num evento em que existia uma disputa cultural. É o Deus de Israel que vai Se manifestar, em detrimento do deus grego da cura, que era a principal divindade a quem os pagãos recorriam quando se deparavam com alguma necessidade física.

“Então, lhe disse Jesus: Levanta-te, toma o teu leito e anda. Imediatamente, o homem se viu curado e, tomando o leito, pôs-se a andar” (Jo 5:8, 9). Note que há uma diferença bem nítida entre o que aconteceu no tanque de Siloé e a atitude no tanque de Betesda. No primeiro, Jesus mandou a pessoa que foi curada ir e se lavar no tanque. No segundo, essa ordem não foi dada, porque Cristo não podia demonstrar indulgência em relação à crença pagã de que Esculápio estivesse realizando algum tipo de milagre ali.

Depois dessas coisas, Jesus encontrou o ex-paralítico no templo e lhe disse: “Olha que já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior” (Jo 5:14). A ordem para que ele não pecasse mais é tradicionalmente interpretada como sendo uma referência à ideia de que os judeus consideravam que, se o homem havia ficado doente, era porque Deus tinha permitido. Desse modo, a doença seria uma forma de punir ou retribuir a uma maldade que a pessoa ou um de seus familiares havia cometido.

No entanto, o texto ganha outro sentido quando se compreende que o paralítico era um judeu desesperado e supersticioso que havia buscado a ajuda de um deus pagão. Nesse caso, ele cometeu o pecado de ir em busca de um socorro que lhe era proibido. Em certo sentido, é a inversão do



Malajsky / AdobeStock

conflito de escrúpulos envolvido na cura de Naamã (2Rs 5). A polêmica é parecida, mas o desfecho é diferente. A conclusão na história de João, por causa da presença de Jesus, é justamente que a cura se realiza por uma divindade diferente da que estava sendo originalmente buscada pelo enfermo.

Portanto, as informações arqueológicas foram fundamentais para se compreender a explicação da pretensa manifestação angélica no tanque de Betesda. Sob a perspectiva da crítica textual, já era sabido que os versículos que falam que o anjo descia e movimentava a água não faziam parte do texto original. Por sua vez, a arqueologia demonstrou claramente que João sabia o que estava acontecendo, e esclareceu o contexto em que Jesus entrou num conflito cultural sem desmerecer seu oponente, sem agredi-lo, sem falar mal dele. De fato, Cristo foi àquele ambiente para demonstrar que não se pode medir esforços quando se pretende salvar uma pessoa. **M**

### Referências

<sup>1</sup> Milton L. Torres, “Arqueologia e secularização”, em: Milton L. Torres, Fábio A. Darius e Elder Hosokawa (Orgs.), *Arqueologia: História, textos e escrita* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp, 2018), p. 191-195.

<sup>2</sup> John Romer, *The History of Archaeology: Great excavations of the world* (Nova York: Checkmark, 2001), p. 134-137.



Cortezia do autor

**Milton L. Torres**, doutor em Arqueologia e em Letras Clássicas, é coordenador do curso de Tradutor e Intérprete do Unasp, EC

# Discipulado à moda antiga

**O modelo discipulador de uma igreja apostólica e sua aplicação para comunidades cristãs contemporâneas**

*Christian Varela*

Fazer discípulos é uma das tarefas mais desafiadoras no cumprimento da missão, considerando a sociedade secularizada e pluralista que envolve a igreja. Richard Longenecker afirma que “o discipulado tem sido, durante séculos, a maneira de pensar e falar sobre a natureza da vida cristã”.<sup>1</sup> Atualmente tem-se renovado a ênfase sobre o tema, buscando modelos que ajudem a igreja em sua aplicação efetiva, porque, como expressou Dietrich Bonhoeffer, “cristianismo sem discipulado é sempre um cristianismo sem Cristo.”<sup>2</sup> Por essa razão, é necessário avaliar e desenvolver um processo com fundamentos bíblicos.

Este artigo tem por objetivo analisar uma igreja discipuladora que se destacou pela excelência de sua proposta prática: Antioquia da Síria. A partir do relato de Atos é possível extrair princípios dessa comunidade que serão úteis no desafio contemporâneo de ser e fazer discípulos, no contexto de comunhão, relacionamento e missão.

## A cidade de Antioquia

Antioquia da Síria foi a terceira cidade mais importante do Império Romano depois de Roma e Alexandria,<sup>3</sup> com aproximadamente 300 mil habitantes. Fundada por volta de 300 a.C. por Seleuco I (Nicátor), em homenagem ao seu pai, Antíoco, localizava-se às margens do rio Orontes. Destacou-se por seu acesso ao mar Mediterrâneo, através do porto da



DigitalKiller1/AdobeStock

Selêucia, como uma cidade comercial que despachava produtos para todo o mundo. Em 64 a.C., sob o governo de Pompeu, Antioquia foi declarada cidade livre, e se tornou sede administrativa da província romana da Síria.<sup>4</sup>

Em Antioquia havia diferentes manifestações religiosas, mas a devoção a Apolo, Ártemis e Dafne era predominante. Apesar disso, contava com uma sinagoga influente que se destacava pelo grande número de prosélitos (At 6:5). A cidade ostentava um alto nível intelectual e se orgulhava de seus eventos esportivos e de sua ampla influência política.<sup>5</sup> Era conhecida

por sua imoralidade, atestada pelo poeta latino Juvenal, quando escreveu que “o esgoto do Orontes tem sido despejado ao longo do Tibre”,<sup>6</sup> aludindo à má influência de Antioquia sobre Roma. Na história do cristianismo, a reputação de Antioquia da Síria e da igreja que lá foi estabelecida perdurou durante séculos.

## Comunhão com Deus

A igreja de Antioquia nasceu como resultado da perseguição sofrida pelos cristãos em Jerusalém (At 11:19-21). Deus usou uma situação adversa para que a missão se expandisse de maneira surpreendente,

alcançando assim uma das cidades mais importantes do império. A notícia do impacto do evangelho na metrópole chegou ao conhecimento dos discípulos em Jerusalém (At 11:22), que delegaram a Barnabé a responsabilidade de verificar os fatos. Ao chegar, o discípulo sentiu que estava cheio do poder divino para cumprir sua missão. Assim, “sob a liderança de Barnabé, a igreja continuou a crescer”.<sup>7</sup>

*Discípulos são imitadores de Jesus (11:26).* Lucas declarou que foi em Antioquia que os discípulos foram chamados cristãos pela primeira vez. Os moradores da cidade viram que o testemunho dos crentes os associava diretamente a Cristo. Ellen White afirmou a esse respeito: “Esse nome foi-lhes dado porque Cristo era o principal tema de sua pregação, conversação e ensino. Continuamente eles estavam repetindo os incidentes ocorridos durante os dias de Seu ministério terrestre, quando Seus discípulos foram abençoados com Sua presença pessoal. Demoravam-se incansavelmente sobre Seus ensinamentos e milagres de cura. Com lábios trêmulos e olhos rasos d’água falavam de Sua agonia no jardim, Sua traição, julgamento e execução, a paciência e humildade com que havia suportado a afronta, a tortura a Ele imposta por Seus inimigos e a divina piedade com que tinha orado por Seus algozes. Sua ressurreição, ascensão e Sua obra no Céu como Mediador do homem caído eram tópicos sobre os quais se regozijavam em se demorar. Os pagãos bem podiam chamá-los cristãos, uma vez que pregavam a Cristo e dirigiam suas orações a Deus por intermédio Dele. Foi Deus quem lhes deu o nome de cristãos. Trata-se de um nome real, dado a todos os que se unem a Cristo.”<sup>8</sup>

Assim, o discípulo não apenas acredita em Jesus, mas se identifica com Ele em um relacionamento pessoal. Discipulado implica imitação do Mestre na vida diária e um processo de crescimento e maturidade na santidade. Gregory Ogden declara que “um discípulo é alguém que responde com fé e

obediência ao chamado misericordioso de Jesus Cristo. Ser um discípulo é um longo processo de negar a nós mesmos e deixar Jesus Cristo viver em nós”.<sup>9</sup>

*Discípulos são comprometidos com os ensinamentos da Palavra (At 11:26-30; 13:1).* Os cristãos de Antioquia compreenderam que Deus enviou Suas mensagens por intermédio dos profetas para revelar Sua vontade. Além dos mensageiros do Antigo Testamento, os crentes aceitaram o ministério dos apóstolos, que fundamentaram a igreja sobre a sã doutrina da Palavra de Deus.<sup>10</sup> O discípulo se alegra em conhecer a vontade divina por meio dos princípios e ensinamentos revelados nas Escrituras.

O cristão deve ser um estudante da Bíblia e de sua mensagem completa, incluindo temas como sábado, santuário, imortalidade condicional da alma e profecias. Precisa reforçar seu compromisso com o remanescente para o tempo do fim. Tanto o discipulador quanto o discípulo são renovados, fortalecidos e encorajados quando desenvolvem comunhão com Deus por meio de Sua Palavra.

*Discípulos são obedientes à direção do Espírito Santo (At 13:2).* Lucas descreveu Barnabé como alguém que era cheio do Espírito Santo (At 11:24). Por meio do exemplo, ele conduziu a igreja cristã recém-inaugurada a uma experiência de comunhão com o Espírito do Senhor. Os líderes da igreja de Antioquia seguiram a voz divina quando lhes foi pedido que designassem Paulo e Barnabé à obra missionária. John MacArthur menciona que “uma igreja cheia do Espírito Santo pode ser definida simplesmente como aquela cujos membros andam em obediência à vontade de Deus”.<sup>11</sup> A obra do Espírito Santo foi sentida nas numerosas conversões, na aceitação da mensagem por Ágabo, no atendimento aos necessitados e na saudável convivência da comunidade cristã.

## Relacionamentos sólidos

A igreja de Antioquia estabeleceu vínculos fortes em suas relações interpessoais. A cidade síria era o portão que ligava o oeste ao leste. Tinha uma população mista composta de judeus, romanos e outras etnias, em que as diferenças raciais eram escassas. Isso se manifesta na diversidade cultural à qual Lucas se referiu no grupo de profetas e mestres. Por exemplo, Simeão se chamava Níger que, traduzido do latim, significa negro. Isso quer dizer que ele podia ser africano ou de pele escura, ou ambos.<sup>12</sup> Manaém, por outro lado, pertencia à classe nobre da família herodiana. Paulo havia sido fariseu em Jerusalém, e era natural de Tarso, na Cilícia. Barnabé era um levita de Chipre, e Lúcio, de Cirene. Esse grupo de líderes, com suas diferenças, tornou-se uma grande bênção quando se uniu para utilizar seus dons em favor da igreja.

Essa harmonia ficou mais evidente quando Barnabé chegou. No entanto, quando alguns cristãos judeus procuraram impor a circuncisão sobre os cristãos gentios, isso gerou tal discórdia que precisou de uma solução urgente. Após o assunto ser considerado no concílio de Jerusalém, a união foi restabelecida na igreja.

As congregações que incentivam e mantêm o discipulado se destacam nas relações afetivas, estáveis e saudáveis entre seus membros. A vida comunitária se desenvolve melhor por meio dos pequenos grupos, das unidades de ação da Escola Sabatina e da visitação pastoral. Mediante essas interações se promove um ambiente de ajuda mútua, confiança, aceitação e crescimento no discipulado.

Bons relacionamentos não ocorriam apenas entre os membros de Antioquia, mas também envolviam a relação entre esta comunidade e sua igreja-mãe (At 11:29). Os cristãos antioquenos se preocuparam em ajudar seus irmãos distantes afetados pela fome no tempo de Cláudio (41-54 d.C.).<sup>13</sup> Eles doaram boa parte de seus recursos para atender

às necessidades da igreja em Jerusalém. Como discípulos, devemos entender que nossos relacionamentos transcendem os laços locais. Somos uma grande família global, por isso, nossa fidelidade nos dizimos e nas ofertas pode ajudar muitas igrejas em necessidade, em lugares que talvez nunca poderíamos estar pessoalmente.

## Paixão pela missão

O livro de Atos registra que a igreja de Antioquia cresceu tremendamente (At 11:21, 24, 26). Ela se comprometeu com a grande comissão de pregar o evangelho e fazer discípulos. Isso criou uma atmosfera de confiança que desenvolveu e aprimorou seus membros e a paixão para alcançar outras pessoas. Algumas características missionárias se destacaram nessa igreja discipuladora.

*Utilizaram seus dons para o cumprimento da missão (At 13:1-3).* Os dons usados por Barnabé e Paulo no ensino fizeram com que muitas pessoas se convertessem ao Senhor (At 11:26). A igreja também lhes delegou responsabilidades e confiou neles para enviar os recursos arrecadados aos necessitados da Judeia (At 11:30), participar do concílio de Jerusalém (At 15) e, finalmente, deu-lhes autoridade para pregar o evangelho e cumprir os ritos estabelecidos pelo Senhor em sua missão aos gentios (At 13:2, 3).

Para que o discipulado seja eficaz é preciso entender que os membros de nossas igrejas carecem de atenção, oportunidades de envolvimento, delegação de responsabilidades e confiança no uso de seus dons. Seminários e treinamentos têm seu

lugar, mas são insuficientes para que eles se envolvam na missão. Precisamos dedicar tempo para acompanhá-los até que possam caminhar por si mesmos de acordo com suas habilidades. Cada membro envolvido tem pelo menos um dom que pode ser usado para a expansão do reino de Deus.

*Comprometeram-se em pregar o evangelho a todos.* Sob o ministério de Paulo e Barnabé começou uma nova era na pregação aos gentios. A partir de Antioquia foi elaborado e promovido o primeiro plano estratégico para levar o evangelho a novos lugares por meio de duplas missionárias (At 11:29, 30; 13:1-3; 15:36-39). Depois das viagens, eles voltavam para a igreja e compartilhavam suas experiências (At 14:26; 18:22, 23). Referindo-se a esse tema, Ken Hemphill observa que “a visão de alcançar o mundo veio de Deus e foi recebida pelos crentes em Antioquia”<sup>14</sup>

Cada igreja deve desenvolver estratégias evangelísticas para alcançar sua comunidade com o evangelho eterno (Mt 24:14, Ap 14:6). Precisamos buscar a direção divina para difundir a mensagem por meio da Missão Global. O verdadeiro discípulo de Cristo está convencido de que as boas-novas da salvação são para todos e se empenha para alcançá-los como fez a igreja de Antioquia.

## Conclusão

Os antioquenos, por meio do seu compromisso com o evangelho, da sua dependência do Espírito Santo, dos laços relacionais e da paixão pela missão demonstraram características do verdadeiro

discipulado como Jesus estabeleceu. A tarefa de ser e fazer discípulos pertence não apenas aos pastores, mas a toda a igreja. O desafio é grande, mas precisamos confiar na promessa do Salvador: “Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:20, NVI). **TM**

## Referências

- <sup>1</sup> Richard N. Longenecker, *Patterns of Discipleship in the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1996), p. 1.
- <sup>2</sup> Dietrich Bonhoeffer, *The Cost of Discipleship* (Nova York: Macmillan, 1937), p. 64.
- <sup>3</sup> Antioquia da Síria é a moderna Antakya, na Turquia.
- <sup>4</sup> F. F. Bruce, *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1988), p. 224.
- <sup>5</sup> A. Myers e A. Beck, *Eerdmans Dictionary of the Bible* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2000), p. 67.
- <sup>6</sup> Juvenal, *Sátira*, 3.62.
- <sup>7</sup> Philip A. Bence, *Acts: A Bible commentary in the Wesleyan tradition* (Indianápolis, IN: Wesleyan Publishing House, 1998), p. 121.
- <sup>8</sup> Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 157.
- <sup>9</sup> Gregory Ogden, *Manual del Discipulado* (Barcelona: Editorial Clie, 2006), p. 37.
- <sup>10</sup> John MacArthur, *Acts* (Chicago: Moody Press, 1994), p. 326.
- <sup>11</sup> Ibid.
- <sup>12</sup> Ibid.
- <sup>13</sup> Tácito (*Anais*, XI.43), Josefo (*Antiguidades*, XX.ii.5) e Suetônio (*Cláudio*, 18) confirmam essa ajuda.
- <sup>14</sup> Ken Hemphill, *El Modelo de Antioquia: 8 características de una iglesia efectiva* (El Paso, TX: Casa Bautista de Publicaciones, 1996), p. 42.



Gentileza do autor

**Christian Varela**, mestrando em Teologia, é pastor em Córdoba, Argentina

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para [ministerio@cpb.com.br](mailto:ministerio@cpb.com.br) ou visite [www.facebook.com/revistaministerio](http://www.facebook.com/revistaministerio)

## Ganhadores do 2º Concurso de Artigos

1º lugar

**Christian Varela**

Universidade Adventista del Plata

2º lugar

**João Renato Alves da Silva**

Faculdade Adventista da Bahia

3º lugar

**Diego Gaspar Bispo**

Unasp, Engenheiro Coelho

Apoio:



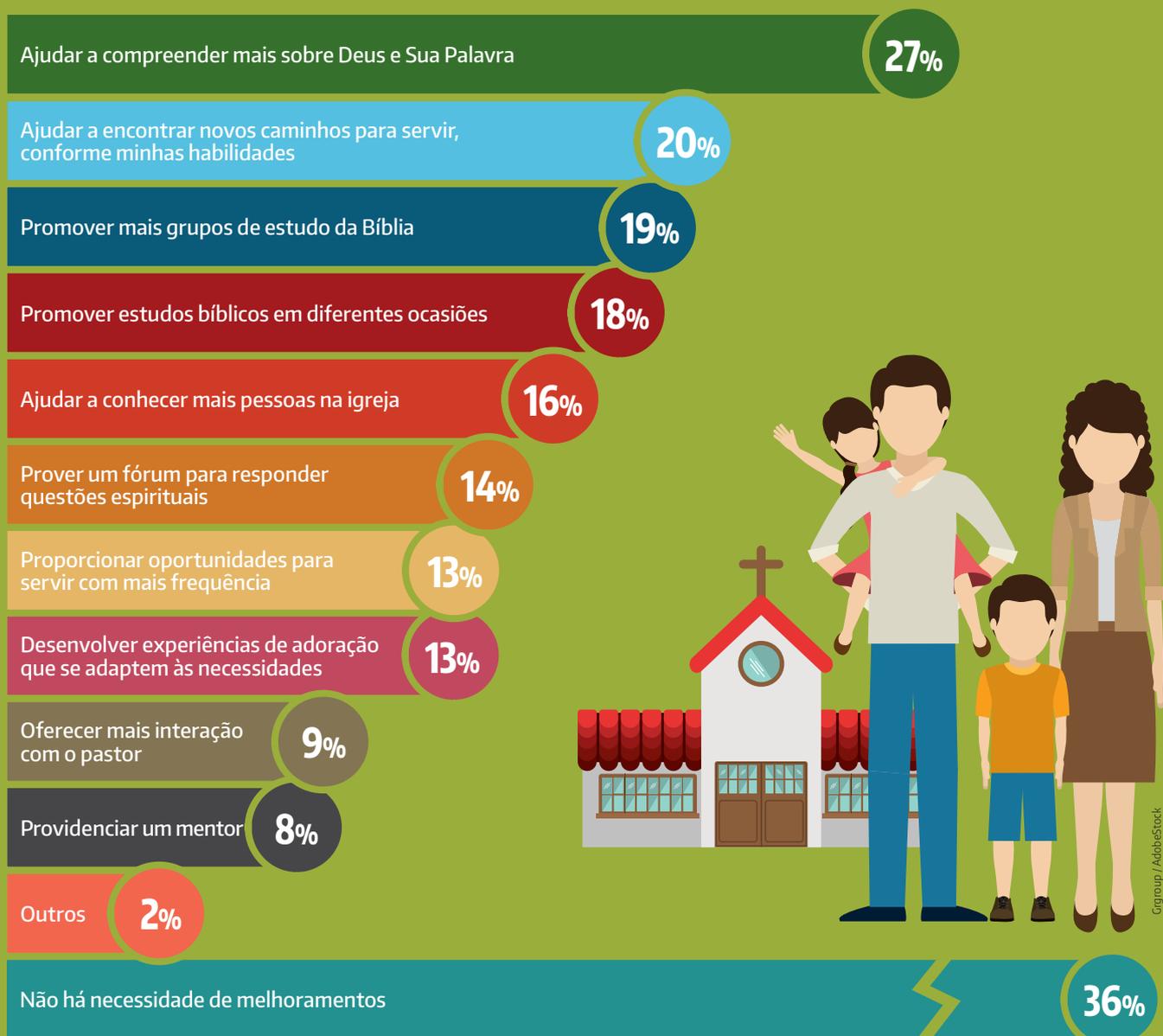
Seminário Adventista  
Latino-americano de Teologia  
Associação Ministerial

# Ajude sua igreja a crescer

Recentemente, uma pesquisa conduzida pela LifeWay Research identificou algumas percepções dos membros das igrejas evangélicas dos Estados Unidos a respeito da vida no contexto congregacional. O estudo analisou pontos como tempo de igreja, compromisso com a denominação e impacto da vivência

na congregação sobre a vida de seus membros. Em uma das perguntas, os entrevistados puderam sugerir como a igreja poderia ajudá-los a crescer em sua experiência espiritual. Os resultados são interessantes e lançam luz sobre as expectativas que os fiéis nutrem em relação ao papel da comunidade cristã em sua vida.

## Maneiras pelas quais os frequentadores gostariam que a igreja os ajudasse em seu crescimento espiritual



Fonte: Bob Smietana, "Churchgoers stick around for Theology, not music or preachers". Disponível em <<https://goo.gl/QjLKhb>>.

# Segundo o **coração** de Deus

“**N**ão se preocupe, tudo ficará bem! Vai ser um menino. Ele vai crescer, estudar Teologia, se tornar um pastor e pregar o evangelho para muitas pessoas antes de Jesus voltar.” Porque ela disse isso, ou como sabia, eu não sei. O que sei é que me tornei pastor. Um pastor muito feliz. Tenho exercido meu ministério com alegria, motivado pela proximidade da segunda vinda de Cristo.

*Ser pastor é algo extraordinário!* Ter a certeza de fazer parte do ministério pastoral não por decisão própria, por ter estudado Teologia, por receber o convite de um Campo, mas porque recebi um chamado diretamente do Senhor, confere ao meu ministério prazer, paixão e alegria.

*Ser pastor me permite olhar para trás com gratidão.* Gratidão a Deus pelo chamado, pela confiança e pela Sua direção. Gratidão à minha amada igreja, que sempre tem cuidado de todos os detalhes para que eu seja feliz no ministério. Gratidão aos meus líderes, que cultivam a paciência para comigo. Gratidão à minha família, que tem me acompanhado nos momentos bons e nas horas difíceis. Gratidão aos membros da igreja, que sempre me motivam com sua dedicação, paixão e compromisso.

Como não olhar para trás com gratidão, quando me lembro de tudo que me ensinaram os irmãos humildes, moradores das margens do rio Amazonas? Pessoas simples, com coração enorme. Muitos não sabiam ler nem escrever, mas sabiam reverenciar o Deus Criador. Como não olhar para trás com gratidão ao recordar os anos abençoados em Rosário e Tucumán (Argentina), Montevideu (Uruguai), Peru, entre tantos outros lugares? Também não posso me esquecer dos tempos como professor, capelão e pastor da amada igreja da Universidade

Adventista del Plata, comunidade cheia de jovens que contagiam outros jovens!

Como não ficar feliz ao olhar para trás e ver as igrejas que o Senhor me permitiu construir? Ver aqueles que tive o privilégio de batizar quando nos encontramos, dizendo com emoção: “meu pastor”? Ver jovens que tive a oportunidade de enviar para nossa universidade e hoje são profissionais e missionários em diferentes partes do mundo!

*Ser pastor me permite viver feliz.* Não há trabalho mais gratificante do que ser um ministro do Senhor. Acordar cada manhã seguro de que o Espírito Santo me acompanhará. Começar o dia tendo a certeza de que encontrarei alguém para ajudar. Ver o Sol surgindo no horizonte enquanto a esposa prepara o desjejum. Saber que, no momento em que começo meu dia de trabalho, meus filhos também estarão servindo a igreja de alguma forma. Sim, tudo isso e muito mais torna meu ministério feliz e cheio de significado.

*Ser pastor me permite contemplar o futuro com esperança.* Quão alegre será aquele dia glorioso, quando veremos uma pequenina nuvem no céu, aumentando e brilhando mais e mais à medida que se aproxima da Terra. Nela estará nosso Salvador acompanhado de milhares de anjos para nos buscar! Sim, espero ansioso esse dia chegar, quando Jesus dirá: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, Eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu Senhor!” (Mt 25:21, NVI). Não quero estar sozinho nesse dia. Meu desejo é que minha esposa, meus filhos, familiares



Cemileza do autor

e pessoas a quem ensinei a Palavra, também estejam lá.

Tudo o que eu sabia, antes de me tornar pastor, era que, quando nasci, minha mãe e eu quase morremos. Diagnosticada com um grave problema de saúde, ela não mais poderia ter filhos, mas ficou grávida de mim. Minha mãe foi orientada pelos médicos a se submeter a um aborto. No entanto, após muita luta, oração e jejum, ela decidiu não realizá-lo. No dia da minha formatura em Teologia, ela me contou que minha avó paterna, uma fiel cristã, quando soube da sua decisão de assumir o risco, disse: “Não se preocupe, tudo ficará bem. Vai ser um menino. Ele vai crescer, estudar Teologia, se tornar pastor e pregar o evangelho para muitas pessoas antes de Jesus voltar.”

Se minha avó sabia disso porque Deus lhe disse, eu não sei. O que sei é que me tornei pastor e tenho procurado levar Cristo a quantas pessoas eu puder, porque quero vê-Lo retornando muito em breve. Obrigado, Senhor, por fazer de mim um “pastor com paixão”, e obrigado porque podes fazer o mesmo com aqueles que estão lendo este testemunho! **TV**

**Carlos Hein**, doutor em Teologia, é diretor de desenvolvimento espiritual do Sanatório Adventista del Plata, Argentina

# Questão de **segurança**

Os prédios das igrejas cristãs devem refletir nosso desejo genuíno de cuidar do bem-estar e da segurança das pessoas, especialmente das crianças. Lembro-me de ter visitado uma congregação há alguns anos onde o carpete estava estragado, as lâmpadas estavam queimadas e a pintura da parede se encontrava em condições precárias. O edifício era mal cuidado e isso criou em mim uma impressão muito negativa. De

certa forma, senti que aquele não era um lugar seguro e não me senti à vontade ali.

A ideia da igreja como um farol tem mais do que um sentido metafórico ou estritamente espiritual. Uma congregação atraente para os membros e a comunidade deve ter um edifício bem cuidado, com membros que ofereçam excelente hospitalidade. Deve ser um lugar em que os participantes sabem que terão onde estacionar, não tropeçarão nem cairão em virtude de um piso inadequado e poderão participar do culto em um ambiente limpo e apropriado.

As prioridades de uma congregação são frequentemente definidas a partir da percepção de sua liderança. Assim, se nossas igrejas quiserem ser mais eficazes no gerenciamento de riscos, devemos aumentar nosso conhecimento acerca dos aspectos práticos que favorecem a cultura da prevenção de acidentes.

O que você, como pastor, pode fazer para promover uma cultura de segurança em suas congregações? Quais são os passos que você deve seguir para capacitar os membros voluntários a assumir tarefas que garantirão que os edifícios das igrejas



Dorawa / AdobeStock

não sejam vistos como descuidados e vulneráveis? O primeiro passo é reconhecer que segurança e manutenção contínua devem ser uma prioridade da liderança local. Por isso, discuta esse conceito com a comissão de cada uma de suas igrejas e envolva os líderes no processo de promoção da segurança como algo fundamental.

O segundo passo é designar algum líder em cada congregação que possa sugerir mudanças e liderar projetos que melhorem o gerenciamento de riscos em colaboração com os demais líderes e membros da igreja. Dependendo do tamanho da congregação, recomendo que se forme uma comissão de segurança. Esse grupo deve mapear os problemas e garantir que eles sejam corrigidos. Além disso, trabalhar em equipe ajuda a envolver mais pessoas no processo de mudança de cultura referente à segurança. Para facilitar o trabalho da comissão, sugiro que os seguintes pontos sejam considerados:

**Proteção infantil.** Garanta que um plano eficiente de proteção às crianças esteja em funcionamento e que todos os membros sejam conhecedores dele.

**Autoinspeção.** Inspecione periodicamente as instalações da igreja, pelo menos uma vez ao ano. Se conseguir fazer isso mais vezes, melhor. A Adventist Risk Management – Sul-Americana disponibiliza gratuitamente em seu site um manual que poderá ajudar sua igreja a realizar essa vistoria (<https://goo.gl/LfAsnL>). Ele apresenta uma lista dos itens que você deve verificar, como segurança elétrica, tanque batismal, cozinha, salas, salão social, entre outros.

**Manutenção preventiva.** Certifique-se de que a manutenção seja agendada e feita regularmente, e que o edifício esteja preparado para suportar mudanças sazonais de temperatura, caso se localize em uma região sujeita a padrões climáticos potencialmente sérios. Mantenha em dia os registros de manutenção e reparo.

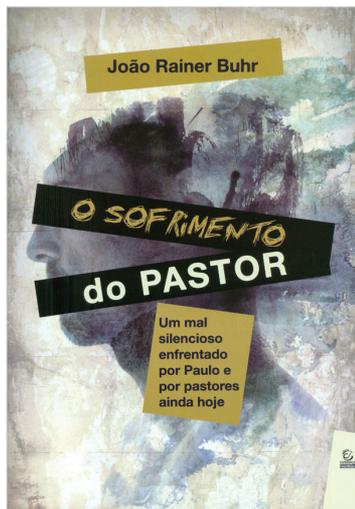
**Plano de emergência.** O plano de emergência é um processo contínuo que deve incluir os tipos de emergências que sua congregação pode enfrentar. Certifique-se de que ele seja adequado, efetivo, praticado e ajustado, conforme necessário.

Lembre-se: cabe a você, pastor, dar o primeiro passo para levantar essas questões diante dos líderes de suas igrejas. Em suas próximas comissões, inclua o item “segurança e gerenciamento de risco” na agenda da reunião. **M**



Divulgação ARM

**David Fournier** é vice-presidente da Adventist Risk Management, Inc., nos Estados Unidos



## O Sofrimento do Pastor

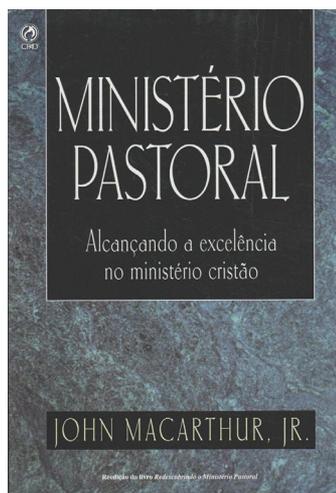
*João Rainer Buhr, Editora Esperança, 2018, 160 p.*

A idealização do pastor produz o paradigma de que pastores são super-heróis, que não têm dificuldades, que sua família é perfeita e que precisam “dar conta” de todas as demandas da igreja.

Essa caricatura pastoral não resiste ao resultado das estatísticas e da análise bíblica. A pesquisa realizada por João Rainer Buhr constatou que 70% dos pastores lutam contra a depressão, 70% afirmam estar esgotados e dizem não possuir um amigo próximo e 80% acreditam que o ministério pastoral afeta sua família.

Infelizmente, esses números evidenciam situações extremas em que o pastor não sabe como administrar nem a quem recorrer. O sorriso sempre aberto, o olhar de empatia pronto a atender a todos pode esconder um drama angustiante em seu coração.

O livro aborda esse mal que aflige os pastores hoje, da mesma forma que angustiou o apóstolo Paulo em seu tempo; porém, não tirou sua alegria e paixão pelo ministério de Cristo. O autor, João Rainer Buhr, é pastor, professor e foi coordenador da Associação das Igrejas Menonitas do Brasil.

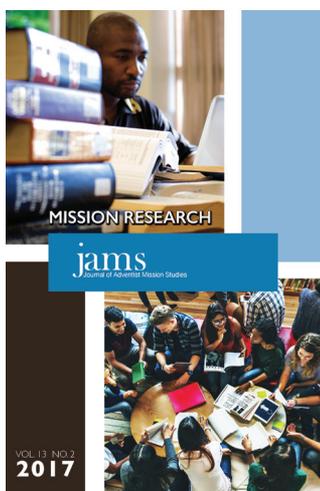


## Ministério Pastoral

*John MacArthur Jr., Editora CPAD, 1997, 400 p.*

O objetivo desse livro é incentivar e orientar os pastores para que exerçam na igreja o modelo de liderança ministerial que a Palavra de Deus requer. A obra se destina a pastores experientes, a jovens ministros que estão iniciando seu ministério e a estudantes de Teologia que se preparam para ele. O autor conclama os pastores a retornar às Escrituras como base de autoridade, a fim de desenvolver uma filosofia de ministério. Além disso, propõe recuperar, reafirmar e restaurar uma abordagem bíblica ao ministério pastoral, prescrevendo as diretrizes a seguir e alertando sobre os perigos que devem ser evitados.

O livro destaca quatro temas principais, que se movem da fundamentação bíblica para a prática. Eles incluem: (1) o caráter bíblico e a essência do ministério pastoral; (2) a preparação bíblica requerida daquele que vai pastorear; (3) as qualidades pessoais bíblicas do ministro qualificado para pastorear e (4) a prioridade bíblica das atividades envolvidas no ministério. As ideias e os conselhos apresentados no livro, com certeza, ajudarão os pastores a desenvolver um pastorado relevante para o corpo de Cristo.



## Journal of Adventist Mission Studies – JAMS

*O Journal of Adventist Mission Studies* é uma revista acadêmica publicada pela International Fellowship of Adventist Mission Studies (IFAMS). Ele contém artigos, resenhas de livros, resumos de teses e notícias de interesse para o cumprimento da missão da igreja ao redor do mundo.

Seu propósito é proporcionar a todos os que já atuam ou desejam ser missionários, sejam estudantes, profissionais liberais, professores, pastores ou administradores, um espaço para troca de experiências, diálogo, conhecimento acadêmico e orientação.

Sua equipe editorial é composta por representantes dos mais diversos países. Entre eles, dois brasileiros que trabalham na Universidade Andrews, os doutores Wagner Kuhn e Kleber Gonçalves.

Site: <http://digitalcommons.andrews.edu/jams/>

# A sexta chave

O artigo “Chaves do sucesso” (p. 14) discorre sobre cinco hábitos ou disciplinas dos pastores altamente eficazes. O segundo hábito fala da necessidade de manter íntimo relacionamento com Deus por meio do estudo da Sua Palavra, entre outras coisas. Mas quero falar sobre um sexto hábito muitas vezes negligenciado entre nós, ministros do Senhor. É claro que o principal livro de estudo de todo pastor e teólogo é a Bíblia. Nenhuma ferramenta teológica é capaz de substituir nem suplantiar o estudo particular, profundo e metódico das Escrituras. Os pioneiros adventistas eram, fundamentalmente, teólogos da Palavra. Eles dedicavam dias e até mesmo noites inteiras para estudar a Bíblia, nada mais do que a Bíblia.

Eles eram ávidos leitores e dominavam muitas das ferramentas teológicas, mesmo sem ter recebido treinamento formal em um seminário. Por exemplo, eles tinham profundo conhecimento dos acontecimentos da história mundial, tanto para entender o cumprimento das profecias quanto para demonstrar as razões históricas da mudança do sábado para o domingo. Eles também tinham conhecimento filosófico. Rejeitaram a doutrina da imortalidade da alma porque entenderam que ela estava contaminada com as pressuposições filosóficas gregas vindas do neoplatonismo.

Ellen White foi uma grande leitora. Isso pode ser constatado pelo tamanho de sua biblioteca. Na verdade, ela possuía três bibliotecas: uma em seu escritório, à qual seus assistentes literários tinham acesso; um acervo pessoal e uma biblioteca com 572 volumes que ela comprou de C. C. Crisler, em 1913. Entre os mais de 1.500 títulos encontram-se muitos livros sobre teologia, história, homilética e arqueologia.

John Andrews também tinha uma extensa biblioteca, com aproximadamente 650 títulos. A maioria deles eram obras teológicas, históricas, arqueológicas e linguísticas. Embora boa parte de seus livros estivessem em inglês, também havia muitos em francês, alemão, mais de 100 trabalhos em latim e vários em árabe, grego, hebraico e português. As anotações encontradas

em seus livros revelam que ele dominava a teologia, a história e as línguas bíblicas. Seu nível de erudição era tal que, quando a Igreja Adventista precisou escolher um nome para sua primeira universidade, a comissão administrativa não hesitou em colocar o nome de “Universidade Andrews”.

Sem dúvida, Andrews foi alguém que se identificou com a prática pastoral e a missão da igreja. De fato, ele foi o primeiro missionário oficialmente enviado pela Igreja Adventista a terras estrangeiras. Ellen White não estava equivocada quando, em 1878, escreveu aos irmãos na Suíça: “Enviamos a vocês o homem mais talentoso de todas as nossas fileiras.”

Acredito sinceramente que haja uma relação direta entre os hábitos de leitura de John Andrews e a descrição que Ellen White fez dele como o mais talentoso entre as fileiras adventistas. Seu desejo de aprender, de se destacar, e de realizar todas as suas tarefas com excelência o levou a buscar conhecimento nos livros. Aliás, o caso de Andrews rompe com o mito de que a teologia está desconectada da realidade e da missão. Ele foi o erudito mais brilhante entre os pioneiros, mas também foi o primeiro missionário a aceitar ser enviado para o exterior.

Um dos autores mais preeminentes do século 20, Jorge Luís Borges, disse: “Deixe os outros se vangloriarem das páginas que têm escrito; a mim me orgulha as que leio.” Certamente, sua genialidade como escritor estava intimamente vinculada à sua afeição como leitor.

Incorporemos esse sexto hábito à nossa vida ministerial, principalmente, o da leitura metódica da Palavra de Deus. Mas também de livros teológicos e de outras áreas, e nossa identidade e missão como pastores do rebanho serão fortalecidas. **M**



**O caso de John Andrews rompe com o mito de que a teologia está desconectada da realidade e da missão.**

**Ele foi o erudito mais brilhante entre os pioneiros, mas também foi o primeiro missionário a aceitar ser enviado para o exterior.”**

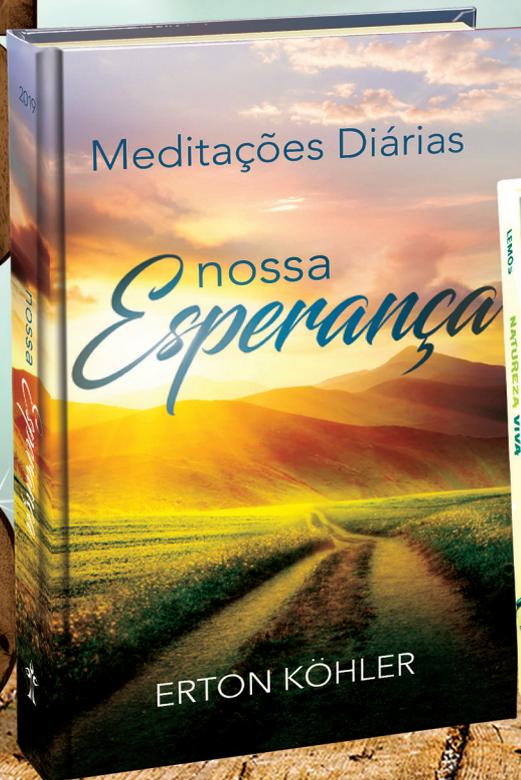


Genilidade do autor

**Marcos Blanco**, doutorando em Teologia, é editor da revista *Ministério*, edição em espanhol

2019

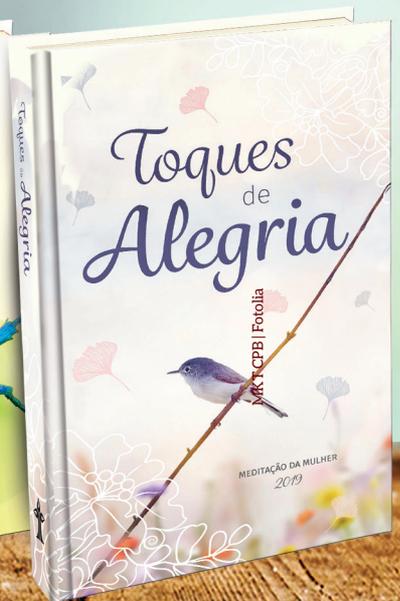
Meditações Diárias  
**NOSSA ESPERANÇA**  
Pr. Erton Köhler



Inspiração Juvenil  
**NATUREZA VIVA**  
Pr. Francisco Lemos  
REEDIÇÃO DE 2001



Meditação da Mulher  
**TOQUES DE ALEGRIA**  
Várias autoras



**Pr. Erton Köhler**  
Presidente da Divisão Sul-Americana

## NOVIDADE!

Pela primeira vez na história dos devocionais da CPB, um presidente de Divisão, em exercício, é o autor das *Meditações Diárias*. Adquira o devocional *Nossa Esperança* e renove sua fé no grande reencontro com Jesus.